

HR

ZN

T

—



HRZNT_

Mariana Vieira
Mariana Cobucci
(orgs.)

Denominamos **Catálogos Expandidos** o formato de publicação criado para registrar os resultados da **HORIZONTE_** investigação realizada, no âmbito da graduação, no Ateliê Projeto Espaço do Trabalho que faz parte do segundo ano do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

A investigação compreende diversas etapas integradas: a curadoria anual dos projetos a serem estudados; a documentação das aulas abertas, incluindo seus registros e transcrições; a elaboração de textos críticos; o desenvolvimento de um projeto expográfico em diálogo com o tema central; a realização das etapas de montagem e desmontagem da exposição; a organização de viagens de estudo e a editoração desta publicação.

Todas as atividades desenvolvidas resultaram de um processo coletivo conduzido pela equipe do ateliê sob a supervisão da professora Mariana Vieira. A organização e a editoração desta publicação refletem essa dimensão colaborativa, sendo realizadas em parceria com a arquiteta Mariana Cobucci, ex-monitora do projeto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Horizonte [livro eletrônico] : Álvaro Siza / Mariana Vieira, Mariana Cobucci (orgs.). -- Rio de Janeiro : Ed. dos Autores, 2025. PDF	
ISBN 978-65-01-71850-7	
1. Arquitetura - Exposições - Catálogos I. Vieira, Mariana. II. Cobucci, Mariana.	
25-305254.0	CDD-720

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura : Exposições : Catálogos 720

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

HORIZONTE

Álvaro Siza

2022

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS [ACKNOWLEDGEMENTS]

Mariana Cobucci

João Ximenes

Rogério Catelani

Evelyn Grumach

DEDICATÓRIA [DEDICATION]

Dedicamos a exposição **HRZNT_**Alvaro Siza à memória da nossa querida professora Vera Hazan que, com seu espírito alegre e visionário, tanto nos inspirou e continua inspirando. Utilizamos aqui os apoios dos painéis em concreto projetados por ela livremente inspirados nos suportes projetados por Lina Bo Bardi para o Museu de Arte Moderna de São Paulo - MASP – que foram pela primeira vez utilizados em uma exposição idealizada e realizada por ela, em 2018, no espaço METRO do Departamento de Arquitetura e Urbanismo DAU / PUC-Rio.

We dedicate the HRZNT_ Alvaro Siza exhibition to the memory of our beloved teacher Vera Hazan who, with her joyful and visionary spirit, inspired us so much and continues to inspire us. Here we use the supports of the concrete panels designed by her, freely inspired by the supports designed by Lina Bo Bardi for the São Paulo Museum of Modern Art - MASP – which were used for the first time in an exhibition designed and held by her in 2018, in our Metro space.

CRÉDITOS [CREDITS]

MUSEU SOLAR GRANDJEAN DE MONTGNY

[UNIVERSITY MUSEUM SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY]

DIREÇÃO [DIRECTOR]

Frederico Coelho

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

[DEPARTMENT OF ARCHITECTURE AND URBANISM]

DIREÇÃO [DIRECTOR]

Otávio Leonídio

COORDENAÇÃO ACADÊMICA [ACADEMIC COORDINATOR]

Marcelo Bezerra

SUPERVISÃO GERAL [GENERAL SUPERVISION]

Mariana Vieira

CURADORIA [CURATION]

Alziro Neto, Mariana Vieira e Nanda Eskes

EQUIPE [TEAM]

Alziro Neto, Lais Bronstein, Mariana Vieira, Monica Aguiar, Nanda Eskes, Pedro Moraes, Pedro Lobão e Roberio Catelani

SUPERVISÃO DE MAQUETES E MOBILIÁRIO

[MODELS AND FURNITURE SUPERVISOR]

Roberio Catelani

MONITORIA DO ATELIÊ INTEGRADO DE PROJETO ARQ 1103

[MONITORS]

Mariana Cobucci e João Ximenes

DEPARTAMENTO DE ARTES & DESIGN

[DEPARTMENT OF ART & DESIGN]

Laboratório De Experimentos Gráficos - PRELO

SUPERVISÃO [SUPERVISION]

Gilberto Mendes

TÉCNICO DE LABORATÓRIO DE ENSINO
[TEACHING LABORATORY TECHNICIAN]

Leonardo Ferreira Amaral

EQUIPE DE PRODUÇÃO [PRODUCTION TEAM]

Alexandre Freitas, Artemis Martinez, Breno Astolfi, Erico Porto, Gabriel Cabral, Haïke Chedid, Joana Brum, João Pedro Faver, Luisa Pessoa, João Ximenes, Mariana Cobucci e Pamela Gomes

Alexandre Freitas, Artemis Martinez, Breno Astolfi, Erico Porto, Gabriel Cabral, Haïke Chedid, Joana Brum, João Pedro Faver, Luisa Pessoa, João Ximenes, Mariana Cobucci and Pamela Gomes

TÉCNICOS DE LABORATÓRIO DE ENSINO
[TEACHING LABORATORY TECHNICIAN]

Antonio Messias, Marcos Vinicius Pereira da Silva, Luiz Fernando Albuquerque e Gustavo Terra sob a supervisão do professor Fernando Minto

Experimental Building Site, Antonio Messias, Marcos Vinicius Pereira da Silva, Luiz Fernando Albuquerque and Gustavo Terra supervised by professor Fernando Minto

EXPOGRAFIA [EXPOGRAPHY]

Livremente inspirados no mobiliário de Álvaro Siza por Alziro Neto, Nanda Eskes e Mariana Vieira. Produzidas pela equipe Horizonte sob coordenação do professor Roberio Catelani

Freely inspired by the furniture of Álvaro Siza, by Alziro Neto, Nanda Eskes and Mariana Vieira. Produced by the Horizon team coordinated by professor Roberio Catelani

PASSADEIRAS MESA-HORIZONTE [HORIZON-TABLE RUNNERS]

Idealizadas por Mariana Vieira e Mariana Cobucci e produzidas em parceria com o Laboratório PRELO Departamento de Design - PUC-Rio

Created by Mariana Vieira and Mariana Cobucci and produced in partnership with Laboratório PRELO - Departamento de Design - PUC-Rio

PRODUÇÃO GRÁFICA [GRAPHIC PRODUCTION]

EXPOSIÇÃO [EXHIBITION]

Mariana Cobucci e João Ximenes

DESIGN GRÁFICO [GRAPHIC DESIGN]

Sofia Alvim e Mariana Cobucci

*** ambos sob coordenação de Mariana Vieira e Alziro Neto**

FOTOGRAFIA [PHOTOGRAPHY]

Alziro Neto, Flaviana Vieira, João Ximenes, Mariana Vieira, Monica Aguiar e Pamela Gomes

FOTOS MESA E BANCO [TABLE AND BENCH PHOTOS]

Laboratório de Imagem e Som (LIS), Juliana Ramos e Sofia Alvim

Image and Sound Laboratory

EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM [IMAGE PROCESSING]

Sofia Alvim e Mariana Cobucci

TRANSPORTE E MONTAGEM [TRANSPORT AND ASSEMBLY]

Vitor dos Santos, Gustavo Ferreira e Mateus Lobo, em conjunto com os funcionários do Solar, Rita Mattos, Júlio César, André Luis e Carlos Augusto, e equipe elétrica, Marcos Goés e Rafael Oliveira

Vitor dos Santos, Gustavo Ferreira and Mateus Lobo, together with Solar employees Rita Mattos, Júlio César, André Luis e Carlos Augusto, and the electrician team, Marcos Goés and Rafael Oliveira

ALUNOS PARTICIPANTES [PARTICIPANT STUDENTS]

Alexandre Freitas, Aline dos Santos, Ana Leticia Martins, Ártemis Martinez, Beatriz Lopes de Lima, Célia Victoria Moreira, Erico Porto, Gabriel Cabral, Gabriella Tailer, Gabrielle Pena, Haïke Chedid, Isabella Passos, Isadora Apostolo, Jessica Lopes, Joana Brum, João Pedro Faver, Julia de Andrade, Laura Drusedau, Leticia Pereira, Luisa Feijo, Maria Cecilia Lopes, Maria Victoria dos Santos, Mariana Gomes, Pamela Gomes, Rafael Prado, Rafaela Carsalade, Roberta Franca, Sofia Bonato, Sofia Uchoa e Victoria Alves

* Todo material que consta neste catálogo fez parte da exposição, inclusive as fotos do processo e das bancas de apresentação que ocuparam a sala circular do Solar Grandjean de Montigny

All the material included in this catalog was part of the exhibition, including photos of the origins and the presentation stands that occupied the circular room of the Solar Grandjean de Montigny

sumário contents

	apresentação	13
	presentation	151
	sobre álvaro siza	17
	about álvaro siza	155
	álvaro siza e o nascimento da coluna	19
	álvaro siza and the birth of the column	157
	o ateliê	25
	the studio	161
	a expografia	47
	the expography	
	a exposição	75
	the exhibition	
	viagem de estudos	113
	study trip	168

Apresentação

Lais Bronstein e Mariana Vieira

HORIZONTE, palavra que dá título a esta exposição, é também o nome da pesquisa que vem sendo desenvolvida no Atelier de Projeto Espaço do Trabalho, buscando unir intensa reflexão crítica sobre os projetos, produção de desenhos, modelos tridimensionais, viagens de estudos e imersões em diferentes horizontes.

Apresentamos nesta exposição uma seleção de 7 projetos de Álvaro Siza Vieira entre os 20 estudados ao longo do ano letivo de 2022, com aprofundamento sobre os três pontos chave da pesquisa: estratégias de ocupação, programa e tectônica.

É curioso notar que a obra de Álvaro Siza flerta reiteradamente com a linha do horizonte, dilatando-a nas Piscinas, emoldurando-a na Casa de Chá, abrigando-a no Pavilhão Português. É episódica no Museu Iberê Camargo, cirurgicamente recortada no Museu Nadir Afonso, perseguida no Insel Hombroich, corretiva no Abade Pedrosa, introjetada (indisciplinada, subversiva?) na Biblioteca da FAUP. Diz respeito também a um elogio da geometria, do estabelecimento de um horizonte desde o qual mediar a ordem e o acaso, a norma e o desvio.

Horizonte é “a linha circular em que a terra ou o mar parecem unir-se ao céu” mas também é, como nos ensina o poeta e professor de literatura francesa, Michel Collot, parte da estrutura da experiência. Por não ser um objeto em si, o Horizonte se revela antes de tudo como um elemento da estrutura perceptiva.

Ao estudar os projetos de Siza percebemos o quanto esse jogo de percepção entre o exterior e o interior é importante na construção de sua arquitetura e, conseqüentemente, o quanto a construção de espacialidades internas está diretamente conectada à construção de uma nova paisagem e vice-versa.

A noção de horizonte é, portanto, central na pesquisa tanto do ponto de vista material quanto imaterial e propõe uma leitura aberta dos projetos que possa ir além das questões dialéticas entre forma e função e leve em conta as pessoas, o mundo e a compreensão de que existe uma linguagem sendo construída.

É geometria a matéria-prima, e porque não dizer, o horizonte, meio e fim da obra de Álvaro Siza. Pois a figura irregular só é entendida pela presença da regularidade, o desvio pela relação com a norma, e o acaso pela pretensão de um mundo ordenado, tal como se evidencia na casa Beires. É igualmente geométrica a relação que em cada obra incorpora a escala humana, desde o detalhe dos acessos individuais, passando pelo enquadramento da paisagem pelo olhar, pela modulação linear e volumétrica dos percursos e até mesmo na feição antropomórfica de certas fachadas.

A figura geométrica na obra de Siza diz respeito também ao repertório disciplinar, pois é com a cultura arquitetônica que o autor forja os projetos da Igreja Anastasis, da capela do Monte e tantos outros, desde tipologias tão (estranhamente) familiares.

O poeta norte-americano Frank O'Hara escreveu que se algum aficionado pela sua obra ao ler um poema seu dissesse "nem parece ser do Frank" ele acharia ótimo, afinal, continua: "não uso terno cinza ou marrom o tempo todo, uso?"

Esse desprendimento com a lógica de uma identidade rígida parece ser da mesma ordem do que vemos na produção do Siza, cuja marca se dá mais pela abertura e pelo rigor com o qual enfrenta cada novo programa, cada nova questão, do que exatamente pelas soluções que encontra. Abrigar esta exposição no Solar Grandjean de Montigny, exemplar neoclássico nos trópicos, é trazer a arquitetura ao seu elemento.

A hierarquia, proporção e simetria das figuras geométricas regulares que determinam as plantas e fachadas do Solar falam de um mundo desprovido de excessos, legível e abarcável pela escala humana. O círculo, o quadrado, o retângulo e também o meio-círculo, são meio e fim de uma arquitetura moldada à perfeição da natureza.

O Solar que já foi Casa possibilita mirar parte da obra de Siza também pela lente da domesticidade - na intimidade da escala humana, na elementaridade geométrica e na singularidade espacial. Guarda igualmente a obra de Siza afinidades com a contenção e escassa eloquência formal do exemplar neoclássico, assim como certa parcimônia imagética. Trata-se sobretudo da espacialização sem alardes da experiência individual e dos mais variados modos de formalização dos rituais da vida coletiva.

A obra de Siza e o Solar reelaboram, cada um a seu tempo, e com autoridade disciplinar, o horizonte da arquitetura como prática inserida em uma longa tradição humanista. Uma tradição que aos poucos, ainda que muito lentamente, vem sendo diversificada para além dos cânones hegemônicos - horizontes que a pesquisa se propõe a explorar.

Sobre Álvaro Siza

Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira nasceu em Matosinhos, Portugal, em 25 de Junho de 1933. Mudou-se para o Porto para estudar arquitetura, na Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1955. Na mesma época, abriu seu próprio escritório, iniciando uma carreira de sucesso no mundo da arquitetura. Álvaro Siza adquiriu experiência profissional desde cedo, criando pequenos projetos residenciais e trabalhando como assistente do arquiteto português Fernando Távora.

A paixão por ensinar e pela arquitetura andam lado a lado ao longo da biografia de Álvaro Siza. Seu currículo docente inclui participação na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, na École Polytechnique Fédérale de Lausanne (EPFL), na Suíça, e na Universidade dos Andes, na Colômbia, entre diversas outras instituições de renome em todo o mundo.

Em 1992, Álvaro Siza foi consagrado com o Prémio Pritzker de Arquitetura, considerado o maior galardão na área. Em 1998, recebeu o Prémio Príncipe de Gales de Design Urbano da Universidade de Harvard e, em 2010, o grau *honoris causa* da Universidade Técnica de Lisboa.

A sua primeira obra – quatro casas em Matosinhos – foi construída em 1954, ainda antes de se formar na Escola de Belas Artes, e a Piscina das Marés de Leça da Palmeira, um dos seus projetos mais conhecidos, data também do início da sua carreira entre 1961 e 1966.

Álvaro Siza _____ e o Nascimento da Coluna

Monica Aguiar e Mariana Vieira



Convidado a propor uma instalação para a exposição *Sensing Spaces: Architecture Reimagined*, organizada pela Royal Academy of Arts em Londres e realizada de 25 de fevereiro a 06 de abril de 2014, Álvaro Siza pensou a coluna. Mais precisamente, o nascimento da coluna, segundo suas próprias palavras.

Ao longo da pesquisa para esta exposição, descobrimos na instalação intitulada “3 colunas amarelas” a síntese perfeita do nosso trabalho no ateliê. Inicialmente parecia um exagero fazer a analogia desta obra com o trabalho que ali desenvolvemos, mas a quantidade de questionamentos e respostas que ela permitiu nos confirmou que a analogia era, além de possível, muito importante para a pesquisa e deveria ser compartilhada. Dois vídeos nos ajudaram a construir essa analogia.

No primeiro deles, realizado em 2016 Manuel Montenegro e Álvaro Siza discutem o posicionamento das colunas na Fazenda Shatwell, onde foram colocadas após o fim da exposição. Neste vídeo¹ realizam estudos sobre estratégias de ocupação. No outro², o registro da implantação dessas colunas na Fazenda nos traz mais uma questão igualmente importante: a alteração da escala e a construção de uma nova paisagem, possibilitadas por esse rearranjo.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=nRL4Y-1pjEg>

² <https://www.youtube.com/watch?v=yiUVllihYo>

Encontramos nesta instalação - e nos dois vídeos - uma comprovação da coerência de procedimentos adotados em nosso ateliê ao estruturá-lo com a tríade das categorias de análise adotadas: ocupação, programa e tectônica.

As três colunas amarelas de concreto que surgiram no pátio ao ar livre da Royal Academy, delimitado internamente pelas edificações que compõem o complexo de edifícios neopalladianos da Burlington House – uma deitada no solo, tendo ao seu lado um capitel; outra em pé ligeiramente afastada, equilibrada e solitária; e, mais ao fundo, no sentido de quem se aproxima da entrada da exposição, uma terceira, também solitária, porém profundamente vinculada às suas predecessoras, e que parece se erguer do solo orgulhosamente em sua completude – materializam o nascimento da coluna de Siza em três movimentos, como em um parto. Coluna, enfim, trazida à luz.

Este, porém, é apenas o seu nascimento, pois, a partir daí, ao se materializar no mundo, essa coluna ganha vida própria. O conjunto de três colunas constitui um todo, segundo as intenções do arquiteto, que passa a se relacionar não apenas com o entorno construído, mas também com as pessoas que ali passam e têm os sentidos aguçados pelo despertar de relações empáticas e sensórias com essa instalação – cumprindo assim o objetivo da exposição: espaços sensórios. No entanto, há algo mais ali.

Ao propor o nascimento da coluna separando suas partes e explicitando um processo que remete à sua montagem, Siza está operando tectonicamente.

As colunas de Siza contam essa história e, de certa forma, explicam fenômenos pré-históricos, de tempos imemoriais, que tanto nos provocam. São as três pedras, o trilítico, como o de *Stonehenge* e tantos outros espalhados em sítios arqueológicos pelo mundo. Siza parece chamar nossa atenção para o fato de que um dia as três pedras estiveram em algum chão. E lá permaneceriam, não fosse a mobilização tectônica que rege o ato de construir. Mas não é só isso.

Em sua crítica à exposição, publicada pelo jornal *The Guardian*, Rowan Moore a descreve como “um olhar ambicioso para além do aspecto puramente visual da arquitetura, que é cheia de surpresas”. Surpresas que não param de surgir à medida que nos dedicamos a analisar essa obra de Siza.

A coluna nascida, que finalmente passa a existir no mundo, possui um capitel e, sobre ele, um lintel. Trata-se de um modelo simplificado e lacônico da coluna dórica, que anuncia a construção de um templo. Sem nada mais precisar dizer, Siza insiste em nos provocar com a iconicidade desse objeto.

Materializadas nessa coluna estão as histórias da arquitetura e da construção, que Karl Bötticher investigou no século XIX, quando escreveu “*Tektonik der Hellenen*”, texto que precedeu os fundamentos tectônicos da arquitetura elaborados por Gottfried Semper e que se desdobraram na prática arquitetônica a partir de então.

Com a coluna nascida, Siza vem nos lembrar do vínculo profundo entre arquitetura e construção e, ao posicionar as três colunas, que são uma unidade, em pontos estrategicamente

estudados no solo do pátio interno da *Burlington House*, ou mesmo no solo da *Shatwell Farm*, onde agora se encontram, Siza delimita um território: o território da arquitetura. Mas também não é só isso.

As surpresas anunciadas por Rowan não param de surgir. Uma outra surpresa, que surge na análise dessa obra, é a mobilização da subjetividade. A potente iconicidade do nascimento da coluna nos convoca a fazer associações, evoca memórias atávicas, e por isso nos coloca frente a frente com os fundamentos da cultura ocidental, cuja gênese se encontra no humanismo da antiguidade clássica, na ágora grega. A coluna dórica e iônica de Siza tem o poder de nos recolocar no centro daquele espaço onde se davam discussões sobre arte e filosofia, onde nasceram conceitos como a democracia e a justiça.

Espaço que, atualmente, encontra-se ameaçado e, por isso, como surpresa, mesmo que não intencionalmente, Siza nos convoca a defender.



O Ateliê

O Ateliê de Projeto Espaço do Trabalho faz parte do terceiro período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio e funciona, conforme definido pelo Projeto Pedagógico, de forma integrada reunindo conteúdos das áreas de projeto, urbanismo, teoria, representação e tecnologia.

O conteúdo desta exposição é fruto do trabalho dos dois últimos semestres, que é parte da evolução de um trabalho que vem se desdobrando ao longo dos 20 anos do curso: 10 anos sob a supervisão do professor Marcos Favero (2002 - 2012), 5 anos sob a supervisão do professor Cadu Spencer (2013 - 2017) e 5 anos sob a supervisão da professora Mariana Vieira, que se iniciou em 2018 e segue até hoje. A estrutura da ementa com dois exercícios ao longo do semestre se manteve durante todo esse tempo com alguns ajustes e adaptações. Desde 2018 começamos a trabalhar em diálogo mais frequente com o Ateliê Integrado de projeto do Espaço Coletivo, do quarto período, que está sob a mesma supervisão desde 2014.

Pensar o segundo ano do curso de arquitetura e urbanismo compatibilizando agendas e dinâmicas metodológicas se demonstrou ao mesmo tempo um desafio e uma grande oportunidade. Desafio porque pensar o segundo ano do curso (ARQ1103 e ARQ1104) significa pensar o encerramento do que consideramos o ciclo básico da formação e isso implica em dar conta de uma quantidade de conhecimentos técnicos, teóricos e operacionais muitas vezes muito complexos e que demandam horas de trabalho em ateliê.

Por outro lado, uma grande oportunidade para incluir questões que se colocam para a arquitetura e o urbanismo contemporâneos de forma geral e mais especificamente para as mudanças radicais que sofreram os espaços do trabalho e os espaços de uso coletivo depois da pandemia de Covid-19 que alterou significativamente as dinâmicas da vida cotidiana.



O Primeiro Exercício

Desde 2021, o exercício de análise gráfica de projetos vem sendo direcionado para a obra de um único escritório. Apresentamos nesta exposição uma seleção entre os 20 projetos de Álvaro Siza Vieira estudados ao longo do ano letivo de 2022, com aprofundamento sobre os três pontos chave da pesquisa: **estratégias de ocupação, programa e tectônica**.

De acordo com o projeto pedagógico do curso, os dois primeiros anos devem focar nas questões relativas às áreas de Representação e Tecnologia. No primeiro exercício (objeto desta exposição) os desenhos são todos feitos à mão instrumentalizando a turma para o segundo exercício que utiliza as ferramentas digitais. Assim como os desenhos, os modelos tridimensionais – maquetes nas diferentes escalas - são realizados em sala com orientação em todas as etapas, o que inclui também o uso do Canteiro Experimental e das máquinas de corte a laser quando necessário.

Para além do ensino de estruturas em um curso de graduação em arquitetura e urbanismo, que deve ser abordado desde o seu início e, principalmente, não deve ser desvinculado da experiência construtiva, acreditamos que a prática pedagógica do ateliê de projetos do 3º período deve associar arquitetura, estrutura e construção por meio de procedimentos que mobilizem o conceito de tectônica formulado por Kenneth



Frampton, especialmente em *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*.

Conceitos que buscam articular a conjugação dos vetores que Frampton denomina topos (ocupação), typos (programa) e tectônico (tectônica) de modo a conferir legitimidade arquitetônica às edificações, estando o vetor tectônico relacionado com a necessidade da arquitetura considerar, na gênese do projeto, a sua forma estrutural e construtiva.

Nesse sentido estimula-se que a tectônica seja considerada como estratégia projetual que, fundamentada nos conceitos formulados por Frampton, desdobra-se em cinco critérios, a saber: topografia, sistema estrutural, sistema de vedações, cultura construtiva e expressividade tectônica e/ou atectônica. Cada um desses critérios deve ser abordado da seguinte maneira:

Topografia

Identificar e descrever as estratégias projetuais no que concerne à implantação da edificação no terreno original. Verificar as decisões específicas de implantação e construção que dão à edificação suas características de acessibilidade e integração com a paisagem. Verificar em que medida tais decisões são importantes para a produção de lugar.

Sistema estrutural e processo construtivo

Identificar e descrever o sistema estrutural empregado, sua materialidade e o processo construtivo utilizado para a

viabilização da construção. Analisar criticamente essas decisões.

Sistema de vedações

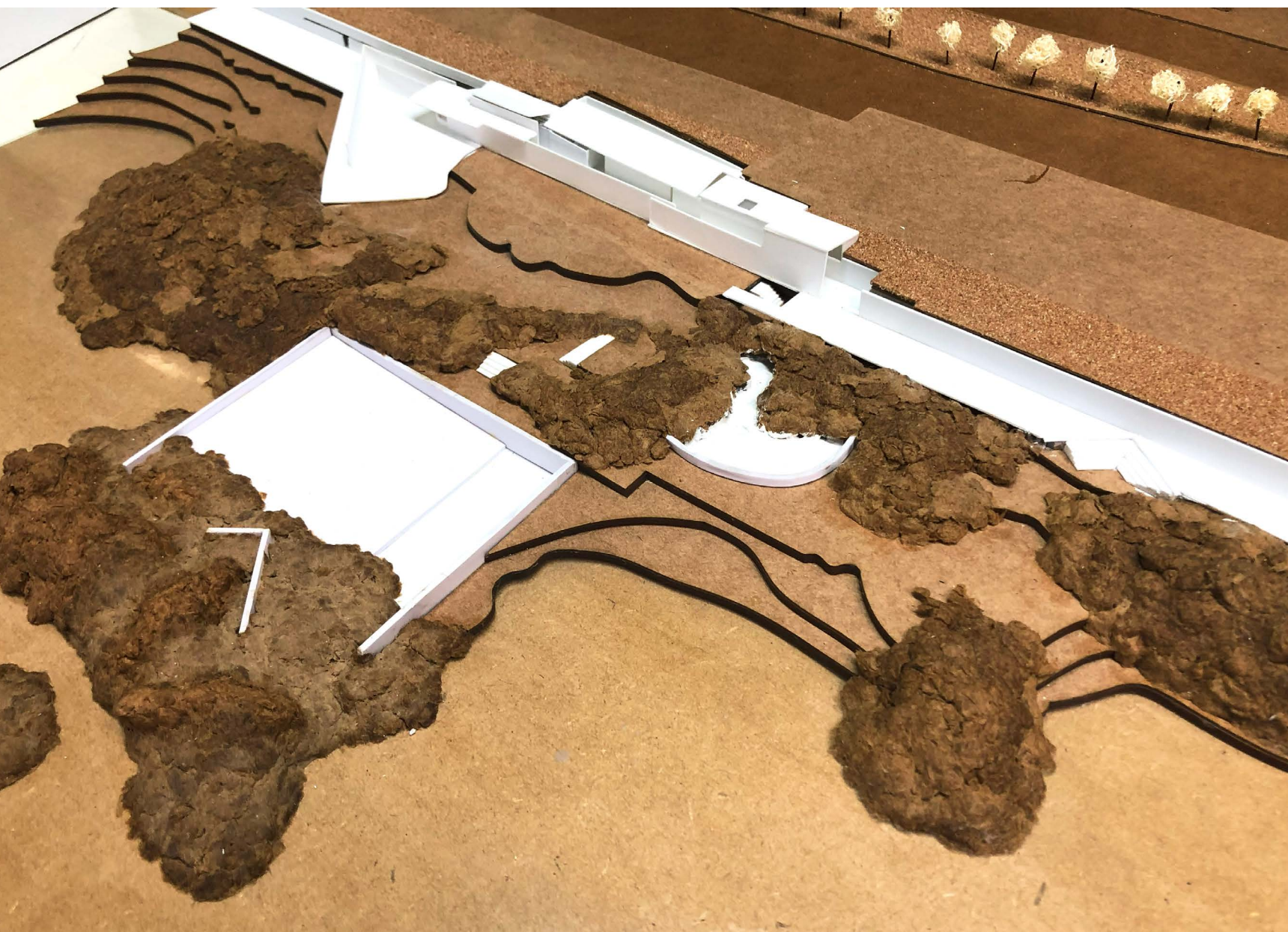
Identificar e descrever o sistema de vedações empregado, sua materialidade e o impacto fenomenológico dessas escolhas. Relacionar o sistema de vedações com o sistema estrutural. Analisar criticamente essas decisões.

Cultura construtiva

Relacionar técnicas, processos e materiais empregados na construção com a cultura construtiva da região onde a edificação foi /será edificada e com as técnicas contemporâneas de construção. Analisar a relação da tecnologia empregada com as tradições construtivas tendo como objetivo identificar a manutenção da tradição, sua renovação ou sua negação.

Expressão tectônica

Após a análise das decisões de projeto que deram origem à materialização da edificação, segundo os critérios estabelecidos acima, verificar se a edificação possui expressividade tectônica e/ou atectônica. No primeiro exercício do ateliê, fase em que grupos de estudantes operam analiticamente sobre projetos exemplares, os critérios acima são utilizados para identificação das estratégias adotadas em cada projeto. Como conclusão da análise solicita-se a representação gráfica, em caráter descritivo, de cada um dos critérios, a ser apresentada em prancha com desenhos e croquis, além de maquete de detalhe construtivo, em escala adequada ao nível de precisão desejado.





O Segundo Exercício

No segundo exercício, os critérios analíticos utilizados no primeiro exercício deverão também ser mobilizados, agora, porém, em conjunto com as estratégias de projeto das áreas de ocupação e programa, para elaboração de projeto a ser realizado em duplas, a partir das demandas estabelecidas pela ementa da disciplina. Como conclusão do projeto solicita-se a representação gráfica, em caráter justificativo, de cada um dos critérios, a ser apresentada em prancha com desenhos e croquis, além de maquete de detalhe construtivo em escala adequada ao nível de precisão desejado.



Apresentações Coletivas

Grupos de aproximadamente quatro alunos e alunas se responsabilizam por cada projeto e apresentam publicamente o seu desenvolvimento em etapas. Os desenhos são todos feitos à mão instrumentalizando a turma para o segundo exercício que utiliza as ferramentas digitais. Assim como os desenhos, os modelos tridimensionais – maquetes nas diferentes escalas – são realizados em sala com orientação em todas as etapas.





Projetos Estudados

2022.1

Pavilhão de Barro, Puerto Escondido / México, 2020

Saya Park / Coreia do Sul, 2018 (com Castanheira)

Casa Atelier Armanda Passos / Porto, 2006

Museu Insel Hombroich / Düsseldorf, 2009

Banco Borges e Irmão / Vila do Conde, 1980 - 1986

Complexo da Igreja de Santa Maria / Marco de Canavezes, 1996

Pavilhão Camerich / Shanghai, 2019

Bairro da Bouça / Porto, 1970

Piscina das Marés / Leça da Palmeira, Portugal, 1966

Capela do Monte / Monte da Charneca, Lagos, 2018

Museu Municipal Abade Pedrosa (MMAO) / Santo Tirso, 2012
(com Souto de Moura)

Biblioteca Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto /
Porto, 1987 - 1994

Casa de Chá da Boa Nova / Leça da Palmeira, Portugal, 1958 - 1963

2022.2

Museu Iberê Camargo / Porto Alegre, Brasil, 1998 - 2008 *

Casa Manuel Magalhães / Porto, Portugal 1967 - 1970

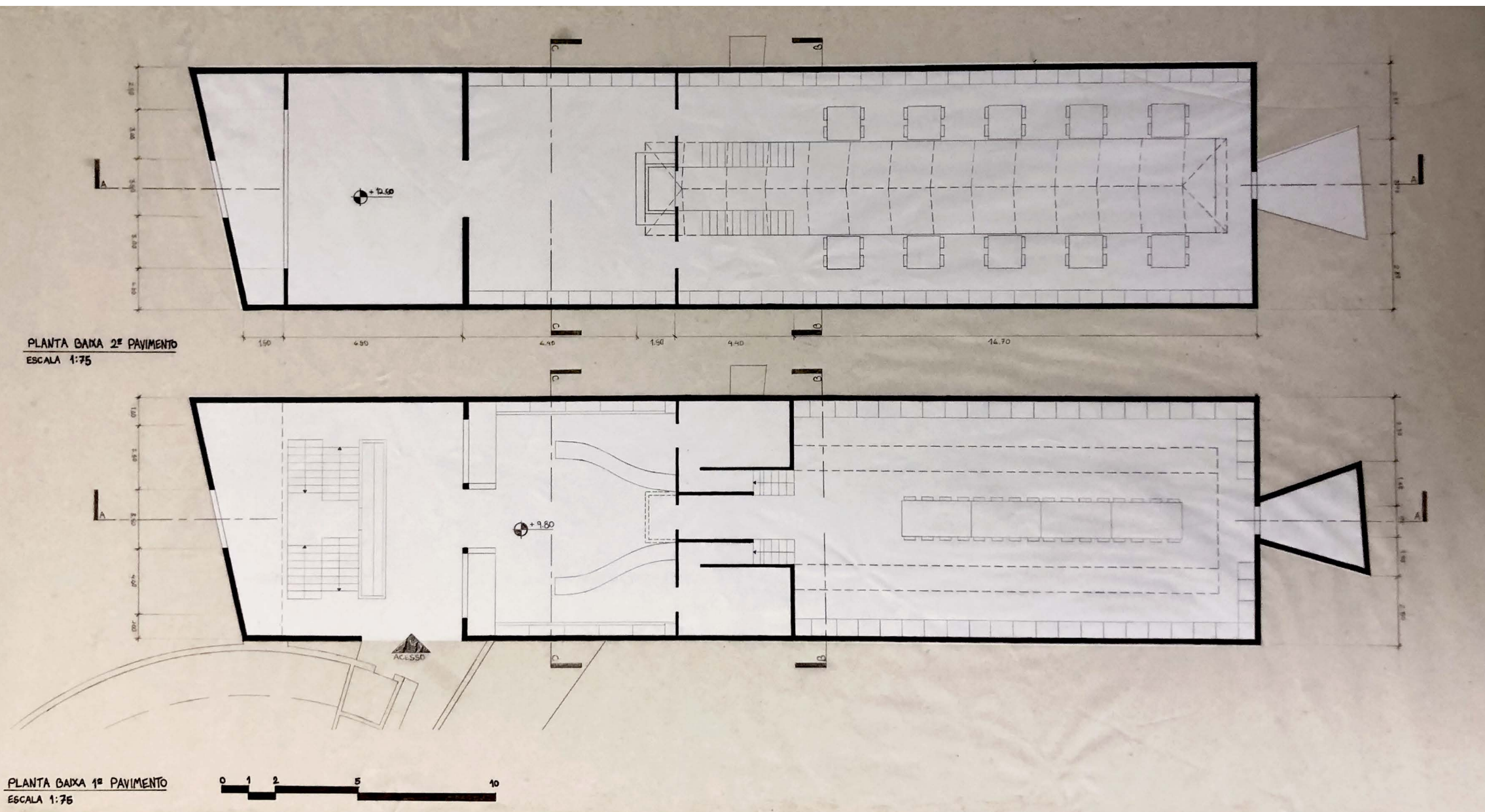
Igreja de Saint-Jacques-de-la-Lande / França, 2018 *

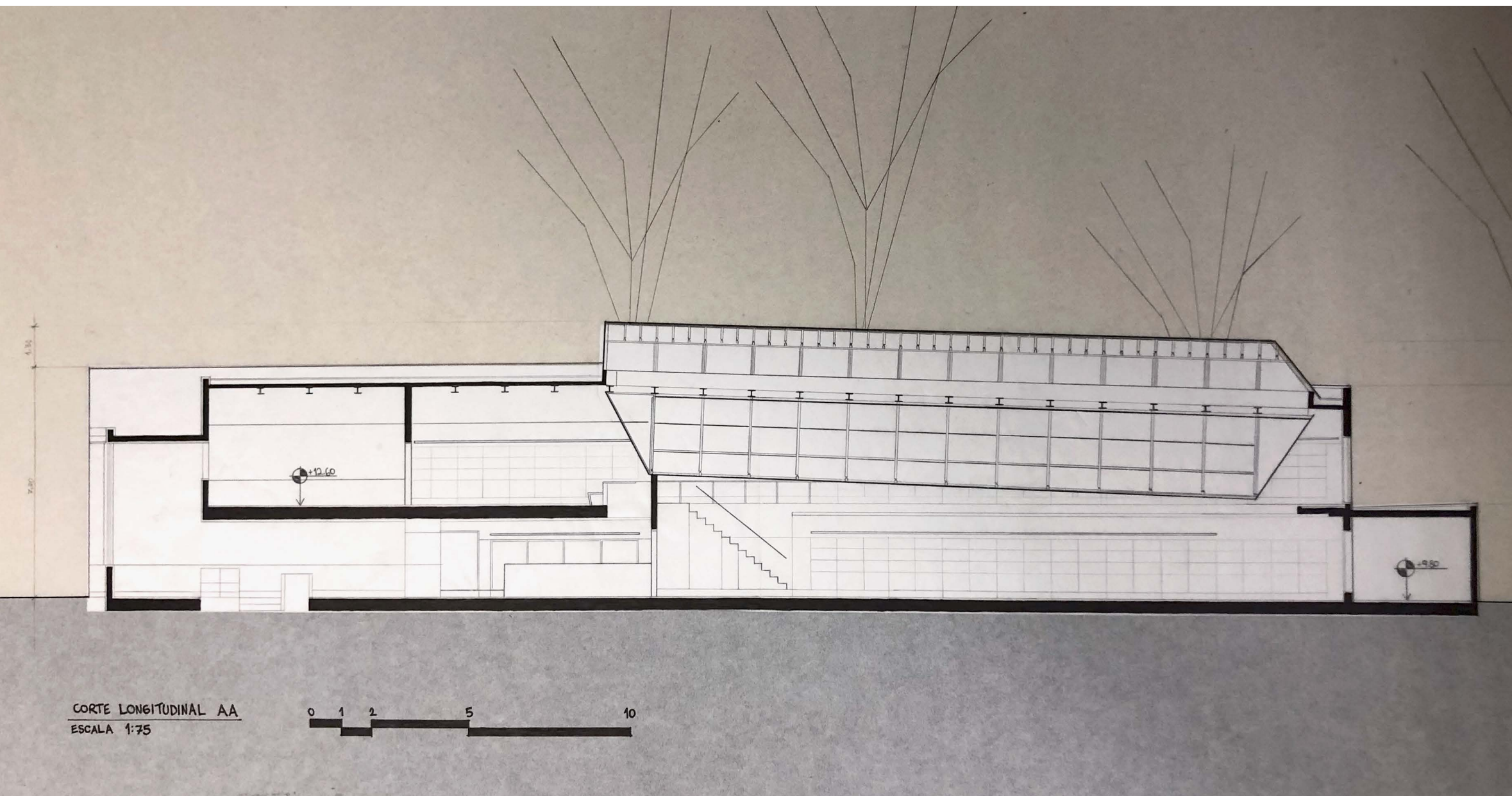
Casa Beires / Porto, 1973 - 1976 *

Museu Nadir Afonso / Monte da Charneca, Lagos, 2018 *

Piscina das Marés / Leça da Palmeira, Portugal, 1966 *

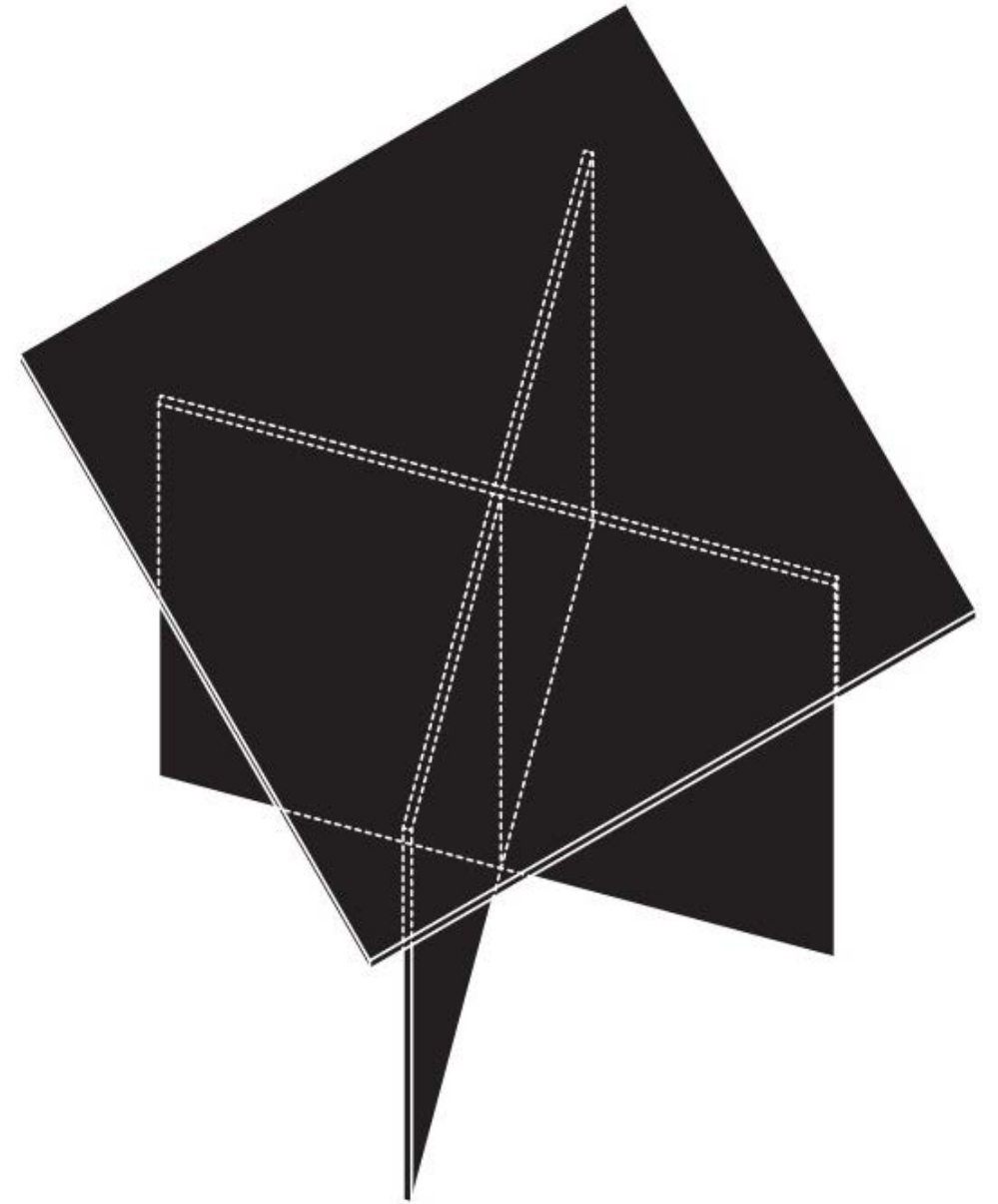
(*) em exposição

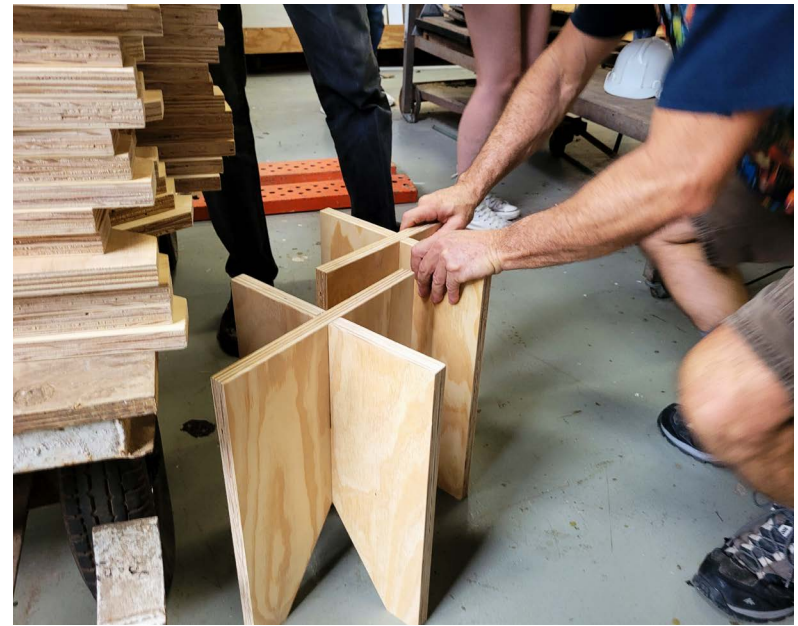


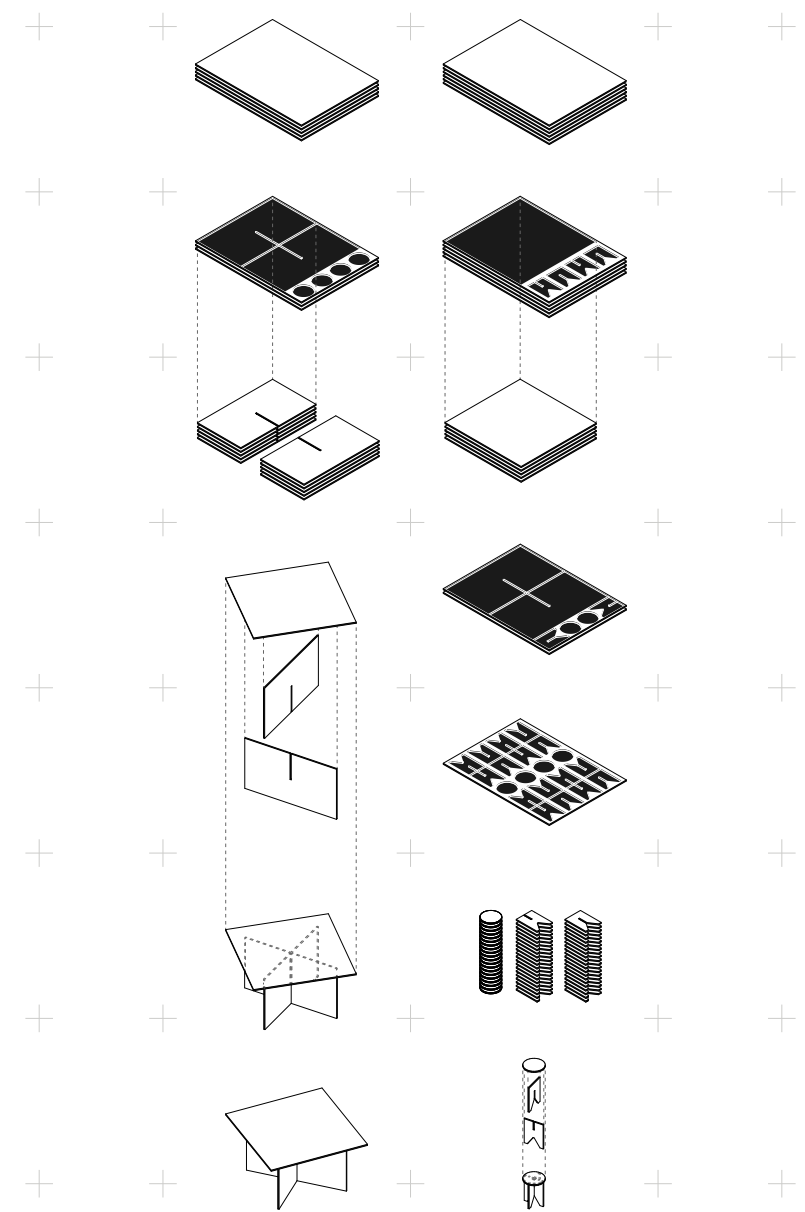




Expografia _____

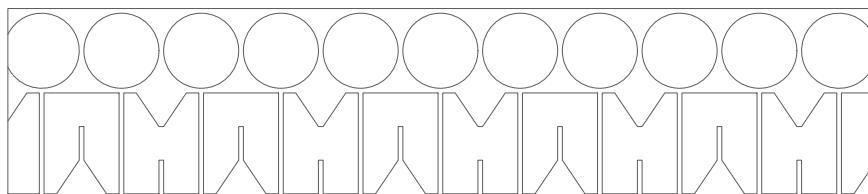
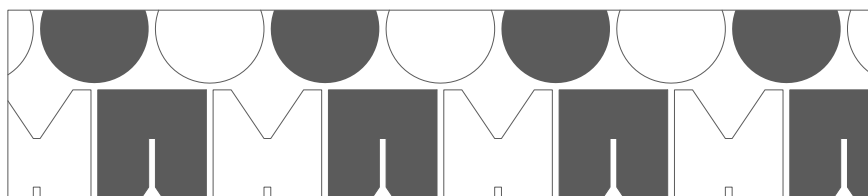




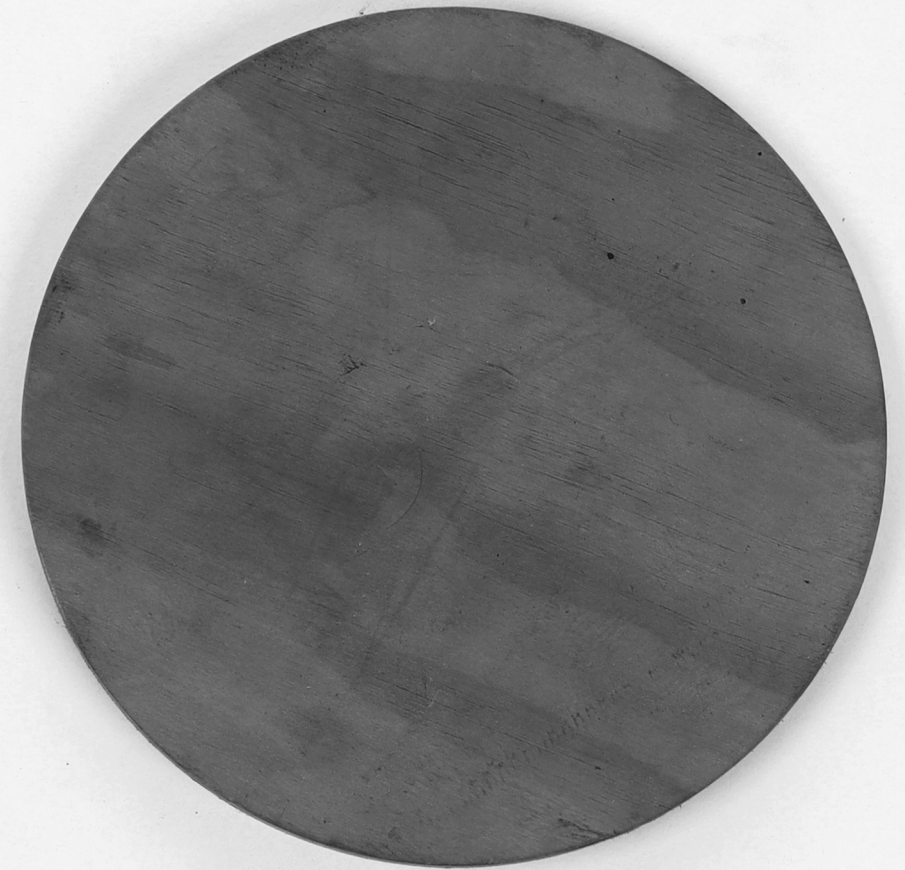


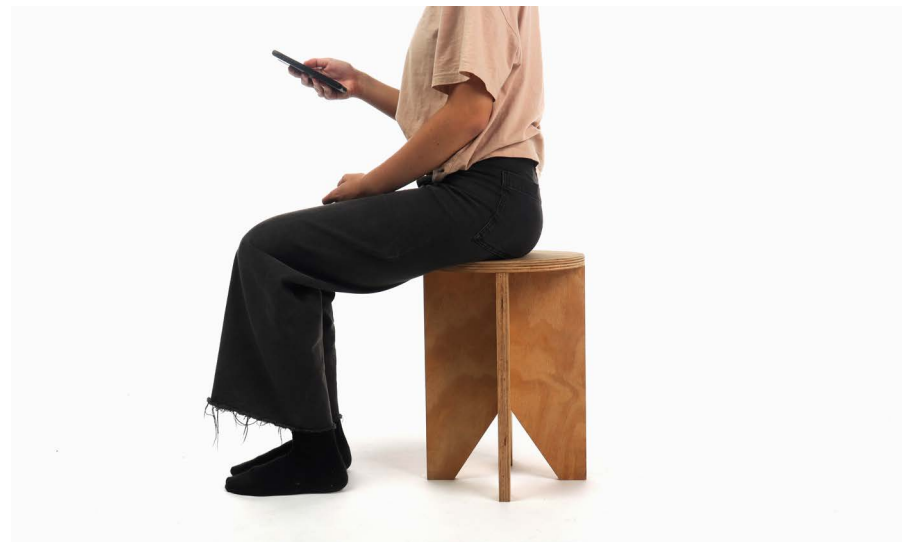
Desenho das Passadeiras

algodão com silk

















Sobre a ocupação do Solar Grandjean de Montigny

A oportunidade de ocupar esta Casa ampliou ainda mais as possibilidades da pesquisa que se estendeu à expografia da **HRZNT_**. Apresentaremos aqui, além de todo conteúdo produzido no Ateliê de Projeto, o processo de idealização das mesas e dos bancos que compõem esta exposição - livremente inspirados no mobiliário de Siza e produzidos coletivamente no Canteiro Experimental do Departamento de Arquitetura e Urbanismo - assim como a idealização das três passarelas de tecido - produzidas em parceria interdepartamental com o Laboratório de Experimentos Gráficos do Departamento de Artes & Design - que foram inicialmente pensadas para a mesa-horizonte, mas que podem ganhar outros usos ao longo da exposição.







A Exposição _____







Fundação Iberê Camargo

Isabela Passos, Jessica Perez, Mariana Bahiense, Victoria Alves

ESTRATÉGIAS PROJETUAIS

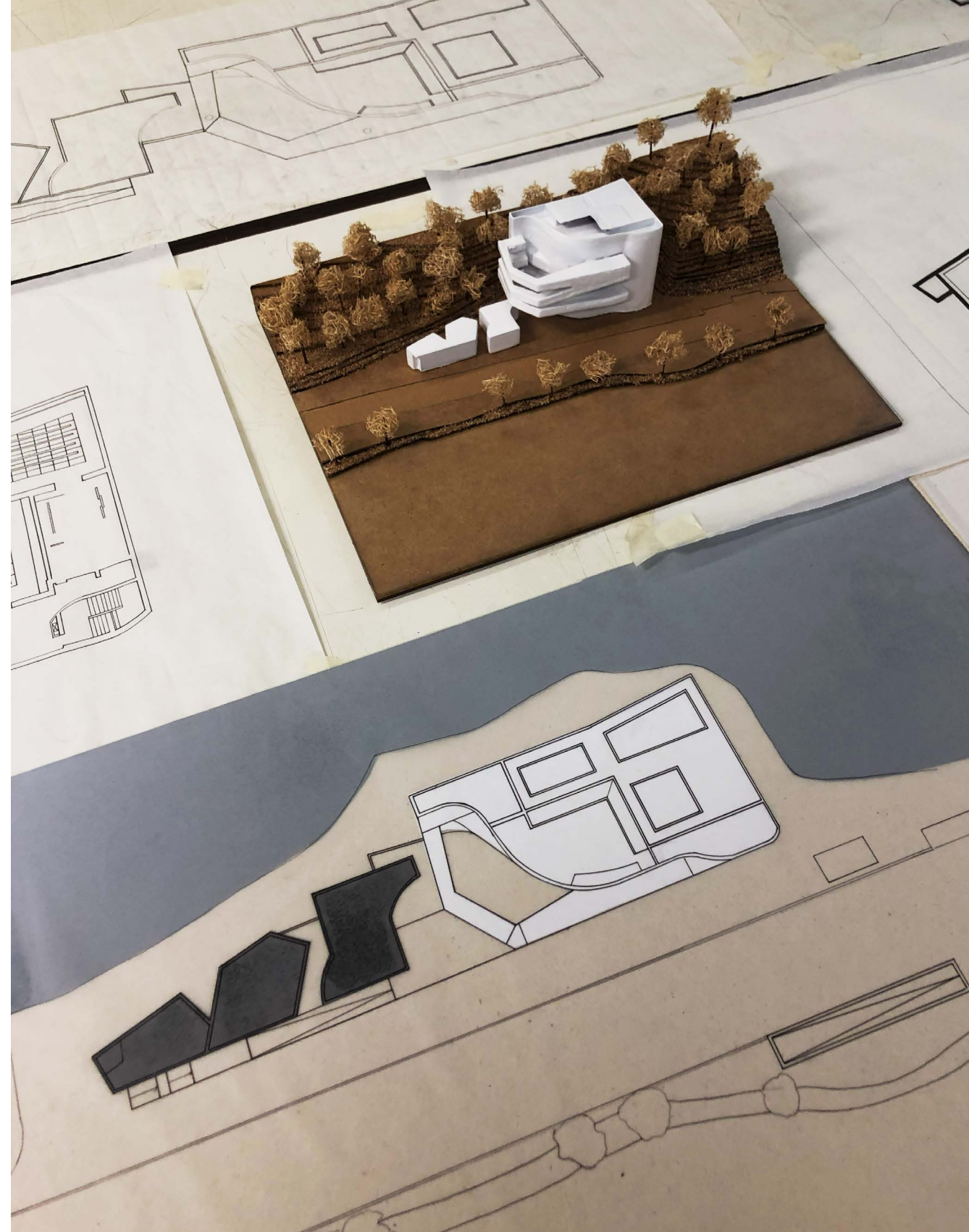
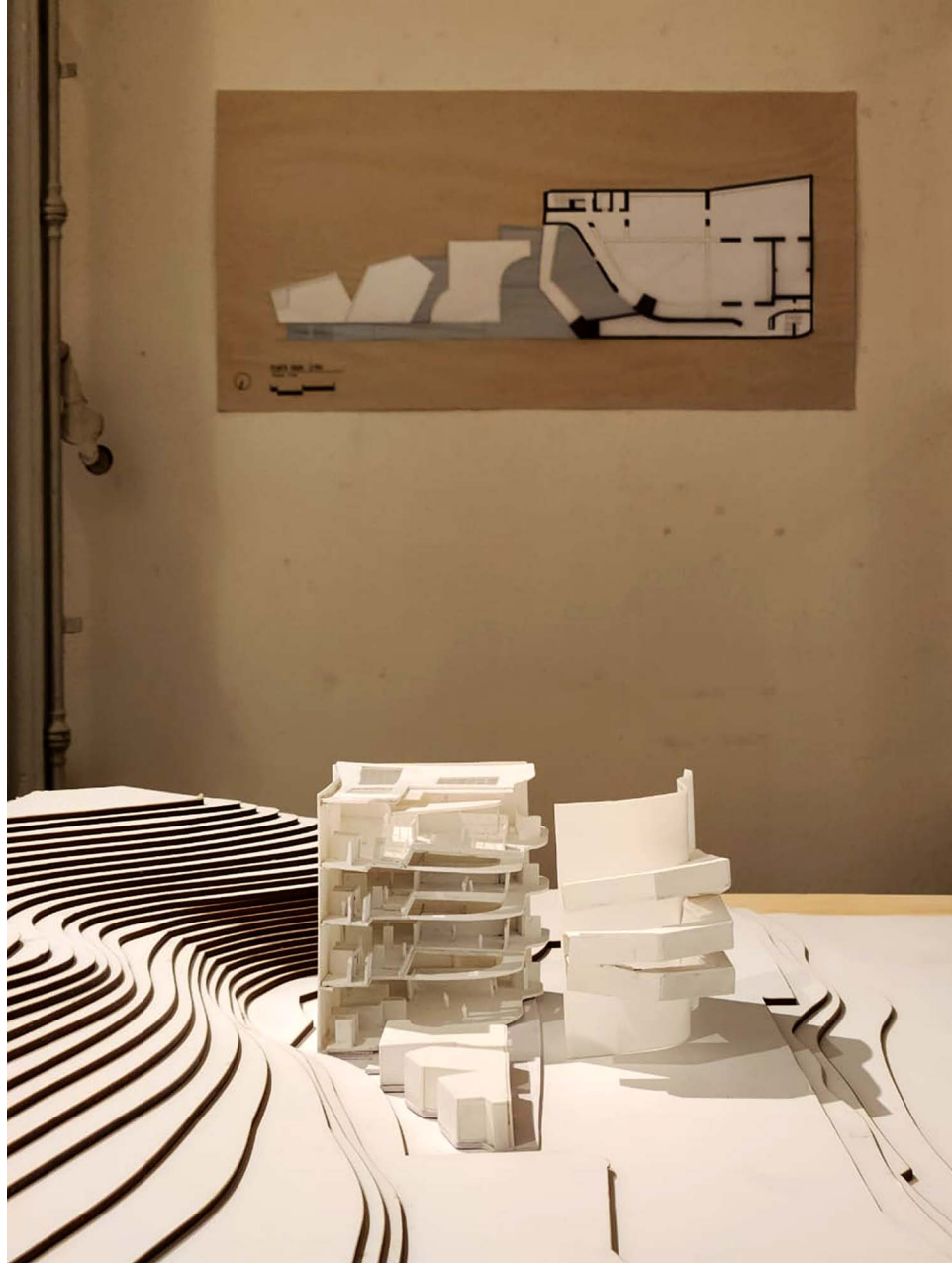
Ocupação / Programa / Expressão Arquitetônica

O projeto da Fundação Iberê Camargo tem sua lógica de ocupação guiada pela espacialização dos volumes longitudinalmente no terreno, entre a encosta e o rio Guaíba. Foi definida uma hierarquia espacial e geográfica para o programa, que revela o protagonismo do edifício principal destinado à exposição. A centralização da circulação do edifício principal em relação aos espaços complementares do terreno e a própria experiência espacial do espaço expositivo definida pelo percurso do projeto direcionam a estratégia de ocupação.

As rampas de circulação foram alocadas no centro do terreno fundando a expressão plástica do projeto e uma nova topografia, que não só indicam um ritual de entrada: o início do projeto e da experiência em si, como também recompõem a parte devastada da encosta imediata ao projeto, onde funcionava uma antiga pedreira. Esta é a complexidade que observamos no projeto de Siza: a articulação do programa - um espaço expositivo para as obras do artista Iberê Camargo - com a ocupação do terreno através da centralidade do circuito expositivo por meio de rampas e a expressão arquitetônica desenvolvida por eles.

O volume do edifício principal é atravessado internamente e externamente pelas rampas que interligam seus espaços expositivos e definem as espacialidades internas. São potencializadas pelos jogos de transição entre o atravessamento visual interno e as rampas herméticas que se projetam para fora do edifício atuando como túneis de depuração de uma galeria para a continuidade experiência expositiva na próxima. Este movimento se repete na formação de um átrio fechado interno pela circulação interior e um átrio aberto exterior pelas rampas herméticas externas ao edifício.

A escolha da edificação hermética em um terreno entre uma encosta com vegetação e com a vista desimpedida para o rio Guaíba se faz notar. Subverte-se o pensamento de transição durante a circulação para o acesso visual da paisagem formatado para ora escondê-la e ora revelar, por pequenas fenestraçãoes, enquadramentos específicos do rio em diferentes cotas durante a circulação das rampas, orientando o percurso interno.



Casa Beires

Maria Cecília Lopes, Luisa Feijó, Ana Letícia Martins

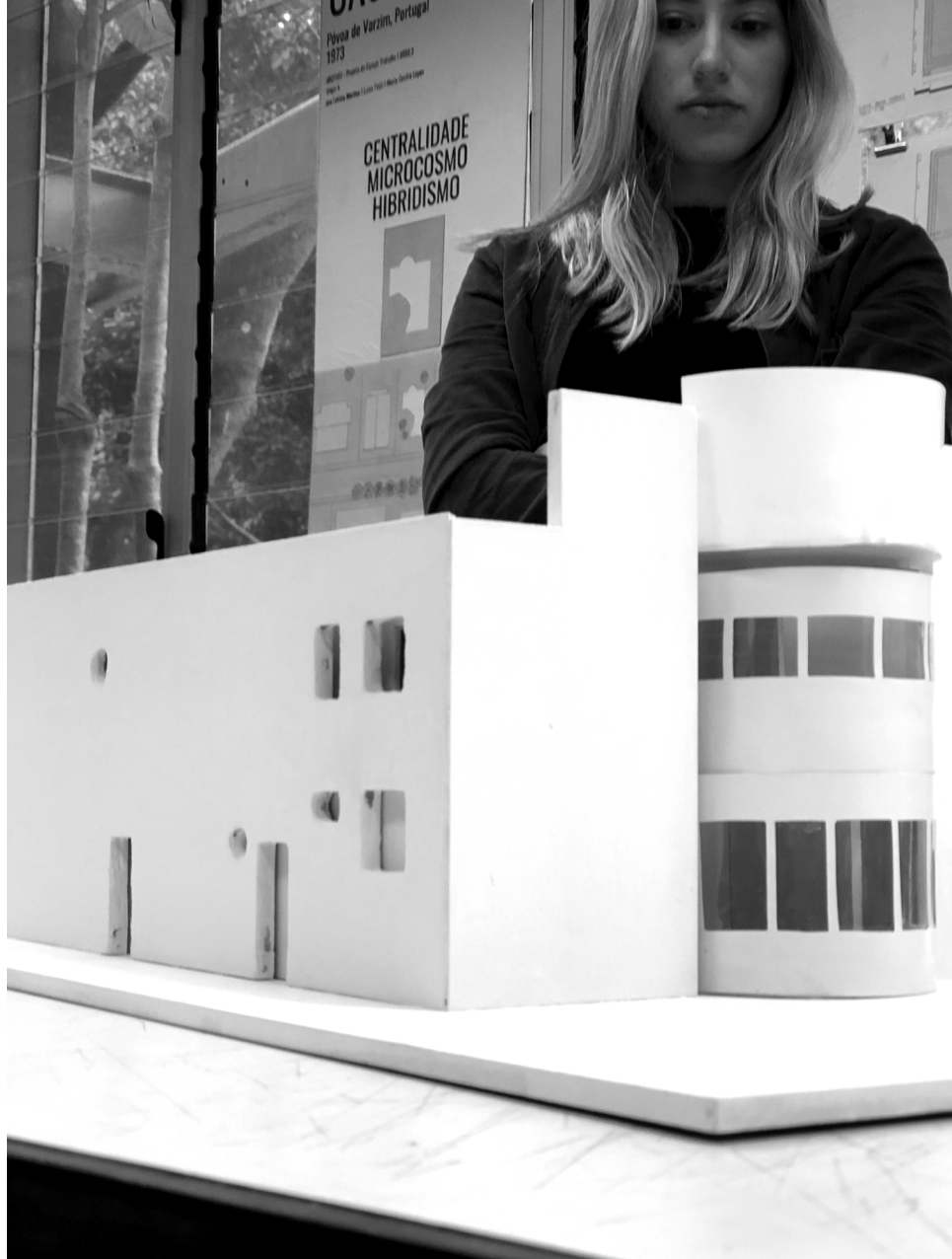
ESTRATÉGIAS PROJETUAIS

Ocupação / Programa / Expressão Arquitetônica

A Casa Beires ocupa o centro do terreno, assim como as casas vizinhas. Em busca de atender ao programa de casa pátio, Álvaro Siza cria um volume paralelepípedo com uma de suas arestas removida, criando uma forma curva envidraçada demarca um pátio na fachadas sul e oeste. Além dessa, um volume semicircular com trechos envidraçados na fachada norte auxilia na permeabilidade visual. O sombreamento do pátio e a privacidade no interior da casa foram dados através do posicionamento estratégico de árvores, dado que os muros baixos e a altura comum das casas vizinhas deixariam a casa exposta.

A Beires de Siza possui um grande diferencial, a parede cortina situada nas fachadas sul e oeste. A partir do pátio é dada a estruturação dos ambientes internos. Em torno dele são distribuídas as áreas sociais, formando um microcosmos que delimita esse espaço da área de serviço. A entrada é dada por um hall de entrada na lateral oposta ao pátio, de onde se inicia a distribuição entre os cômodos delimitados, com área de serviço, voltada a fachada norte, e quartos fechados e áreas íntimas afastadas da de convívio para maior privacidade.

A expressão arquitetônica se coloca através de um contraste entre um volume em paralelepípedo opaco, formado pelas paredes ortogonais, e um volume irregular curvo transparente formado pelas esquadrias de vidro. Ambos se interseccionam formando o volume da casa. Percebe-se também uma independência dos pavimentos em relação a forma, resultando no surgimento da varanda do primeiro pavimento sob o pátio, além de um escalonamento das três lajes, o que gera uma superfície dinâmica e irregular dos planos envidraçados.



Biblioteca da Faculdade de Arquitetura do Porto

Alexandre Freitas, Gabriel Cabral, João Pedro Faver, Pamela Gomes

ESTRATÉGIAS PROJETUAIS

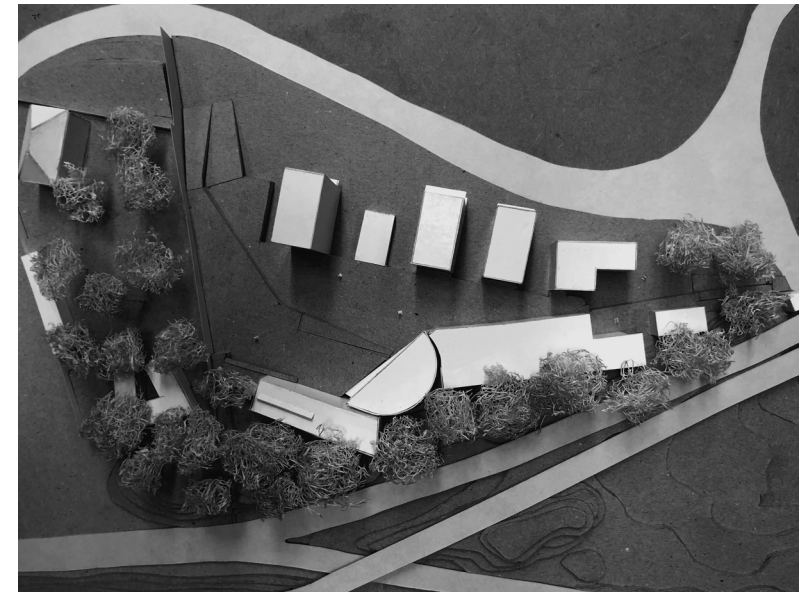
Ocupação / Programa / Expressão Arquitetônica

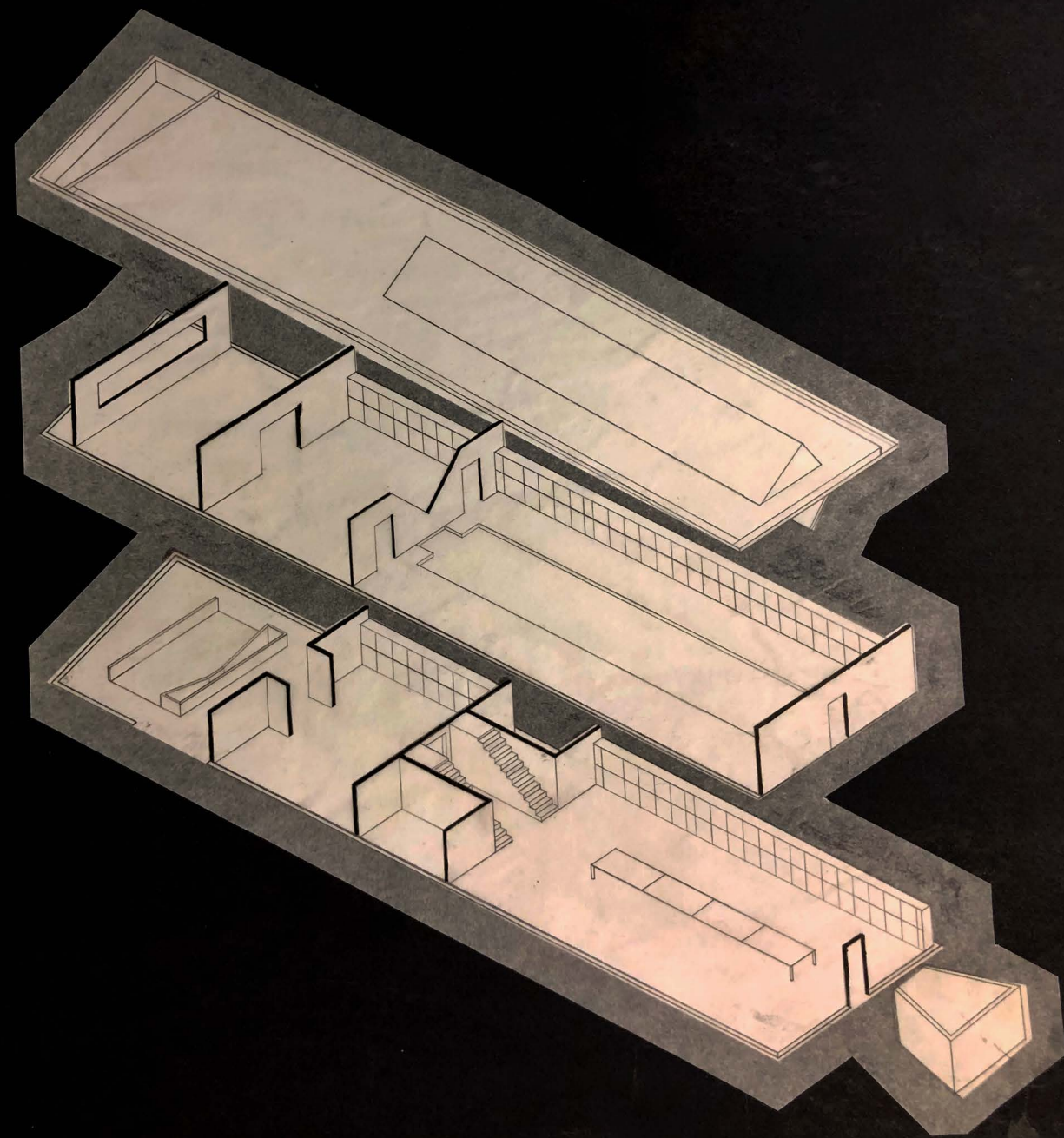
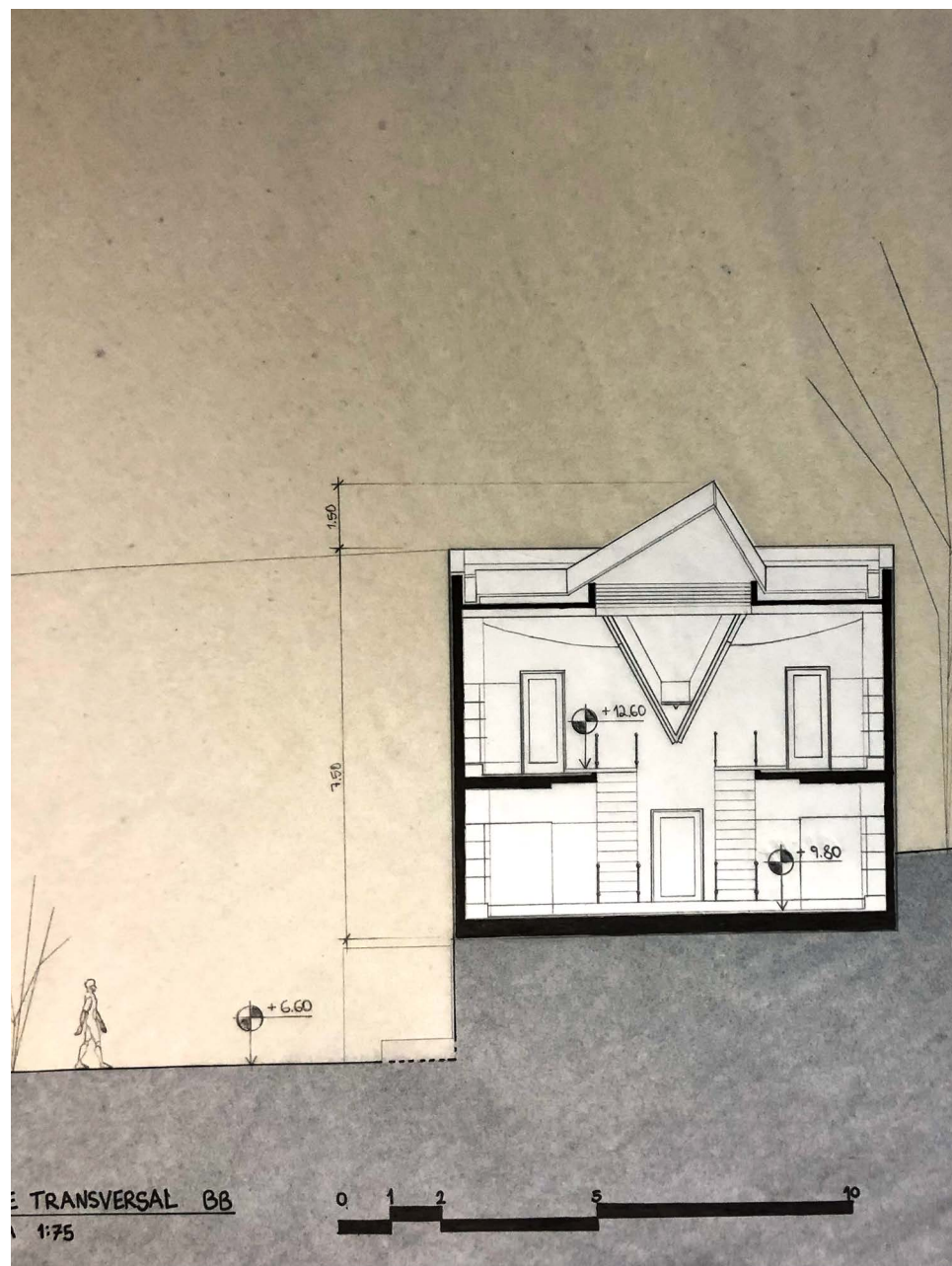
A Biblioteca da Faculdade de Arquitetura do Porto se localiza no Edifício D, um dos edifícios do campus projetado pelo arquiteto Álvaro Siza. A parte norte é ocupada por um bloco hermético formado por três edifícios que auxiliam na proteção visual e acústica do interior do campus - onde acontecem as atividades coletivas. Na parte sul, com vista para o Rio Douro, se localizam quatro edifícios com as atividades de ensino. Os edifícios do lado norte formam um trajeto com angulação variada a partir da entrada, que finaliza no bloco da biblioteca, cuja orientação é guiada pela inserção do prisma da clarabóia.

O campus articula diversas experiências nos edifícios através da iluminação, e, na biblioteca, tal dinâmica é o grande diferencial. A distribuição dos ambientes ocorre em função de sua clarabóia, um prisma inclinado que se projeta para dentro ao longo do eixo longitudinal do edifício. Essa iluminação é natural, advinda da fachada norte, e chega de forma difusa e filtrada ao interior do espaço, preservando o acervo por ser a face com menor incidência de luz. O segundo pavimento da biblioteca é cortado por este prisma luminoso, criando dois mezaninos que configuram distintos espaços de permanência. No primeiro pavimento uma grande mesa é situada diretamente abaixo da clarabóia, gerando um espaço centralizado de

permanência, que se conecta visualmente com os mezaninos através do pé-direto duplo.

A topografia acidentada do campus induz à sua ocupação em diversas cotas. Isso traz uma organicidade na integração desse projeto na cidade, pois seus níveis conversam com o entorno, além de dar ao campus uma experiência variada de circulação, criando pátios e espaços de convivência.





Museu Nadir Afonso

Laura Cardoson, Rafaela Quaresma, Rafael Prado, Sofia Uchoa, Gabriella Soares

ESTRATÉGIAS PROJETUAIS

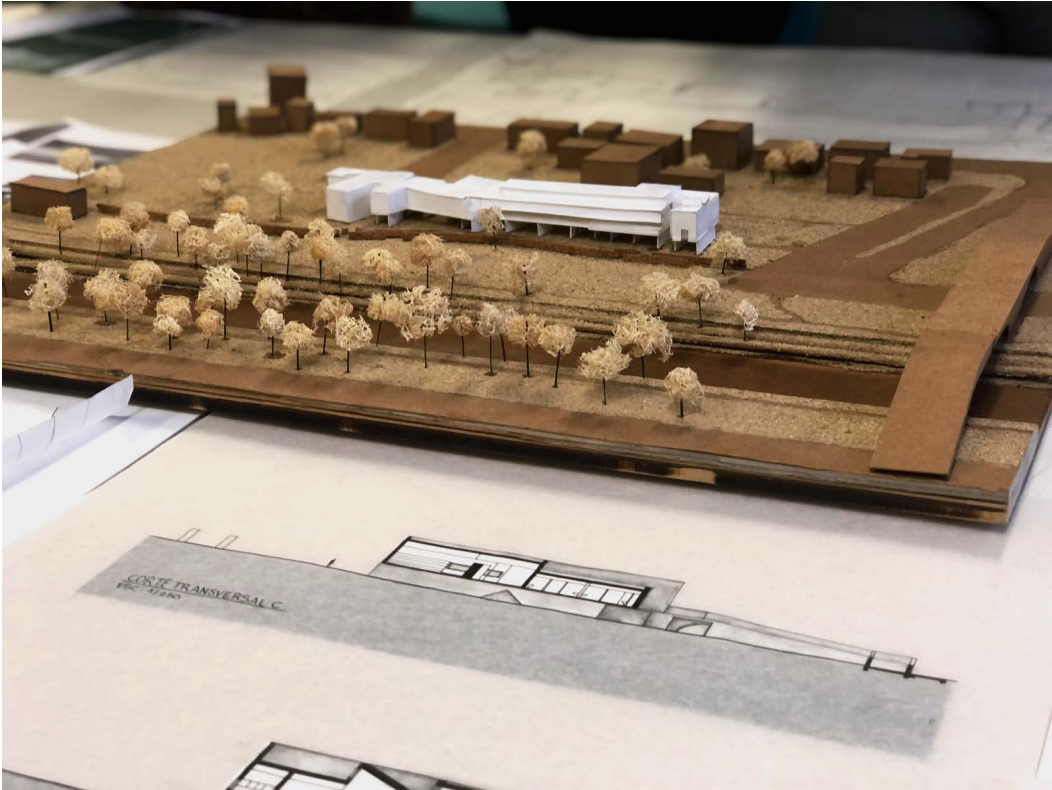
Ocupação / Programa / Expressão Arquitetônica

O Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, inaugurado em 2016 situa-se no sítio de Longras, próximo ao centro, na cidade de Chaves, norte de Portugal. A fundação foi projetada pelo arquiteto Álvaro Siza a pedido da Câmara Municipal da cidade e pelo pintor Nadir Afonso.

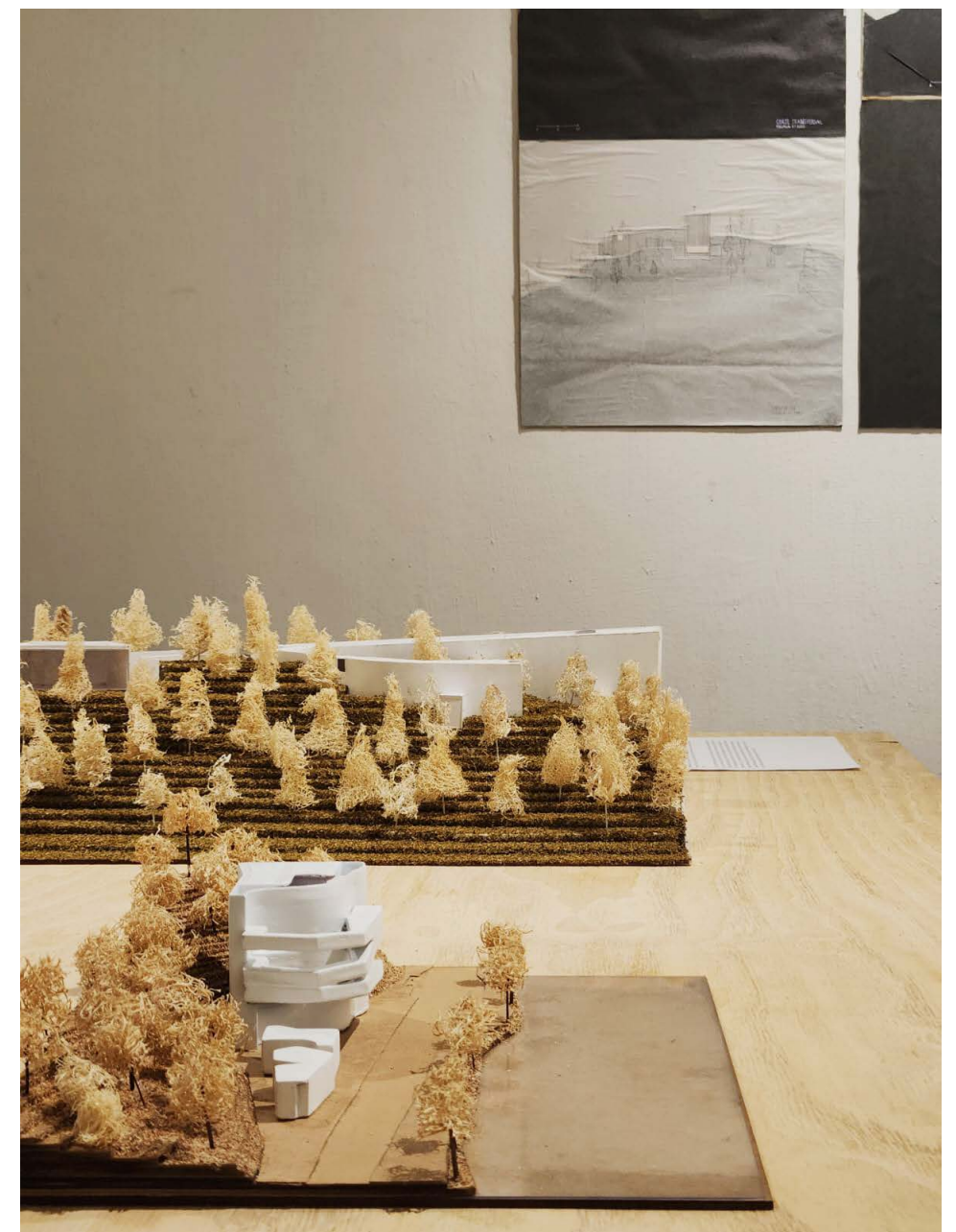
Álvaro Siza, na construção do projeto em questão, tem como intuito basilar, a exposição das obras de Nadir Afonso, e, de forma orgânica, a modulação da paisagem natural. A localização inundável, às margens do rio Tâmega, determina a elevação da edificação por meio de lâminas perpendiculares ao trajeto do rio e ao Caminho de Longras, construção romana pré-existente no local. A edificação reforça a forma predominantemente longitudinal do sítio, assim como do curso do rio, inserindo o acesso principal em uma das extremidades através de uma rampa, em cota não inundável. Vãos criados pelas paredes inferiores permitem um passeio por debaixo da obra, delimitando um percurso intencional, e gerando enquadramentos visuais da paisagem por parte dos visitantes.

O museu busca cumprir os pré-requisitos sugeridos pelo pintor, a partir da disposição longitudinal em que estão distribuídos, sucessivamente, os setores de apoio, os amplos espaços expositivos e administrativos, ao longo de um extenso pavimento principal e um pequeno núcleo superior, no qual se localiza a área técnica. É dada ênfase ao espaço central do museu, no qual estão situadas as salas expositivas com janelas que enquadram longitudinalmente a paisagem exterior. A organização dos ambientes, por meio de amplas passagens e de um recurso de alternância de paredes e janelas, direciona o trajeto ao espaço expositivo.

O museu é projetado a partir de um grande volume horizontal suspenso monocromático em concreto com forma aparente. A geometria, torções e volumes transmitem movimento e ritmo à edificação. Os vãos de distintas formas geométricas guiam as experiências espaciais dos visitantes. As janelas projetadas ao longo da construção enquadram a paisagem local e modulam a luz natural, criando uma permeabilidade visual que privilegia a vista para o Rio Tâmega, importante paisagem da cidade de Chaves.

















Viagem de Estudos

Lisboa – Porto, Novembro 2022



A viagem de estudos é parte essencial da pesquisa. Visitar os edifícios estudados (entre outros) é mais uma oportunidade de abrir a pesquisa para além do ateliê - ampliar horizontes - agregar alunas, alunos, professores e professoras de outras faculdades de arquitetura e urbanismo do Brasil e de outros países como foi o caso da edição de Portugal (Lisboa e Porto) realizada em Novembro de 2022.



Projetos Visitados

DIA 1, Lisboa

Edifícios na Baixa e Chiado + Convento do Carmo / Álvaro Siza

Atelier - Museu Júlio Pomar / Álvaro Siza

Pavilhão de Portugal na EXPO'98 / Álvaro Siza

DIA 2, Cascais

Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT) / Amanda Levet

Farol de Santa Marta / Aires Mateus

Museu Paula Rego / Eduardo Souto de Moura

DIA 3, Porto

Escritório Aires Mateus

Estação de Metro São Bento / Álvaro Siza

DIA 4, Matosinhos

Casa da Arquitectura / Guilherme Machado Vaz

Casa de Chá da Boa Bova / Álvaro Siza

Quatro Casas em Matosinhos / Álvaro Siza

Piscina das Marés / Álvaro Siza

Museu Serralves / Álvaro Siza

DIA 5, Porto

Casa da Música / OMA - Rem Koolhaas

Escritório Souto Moura

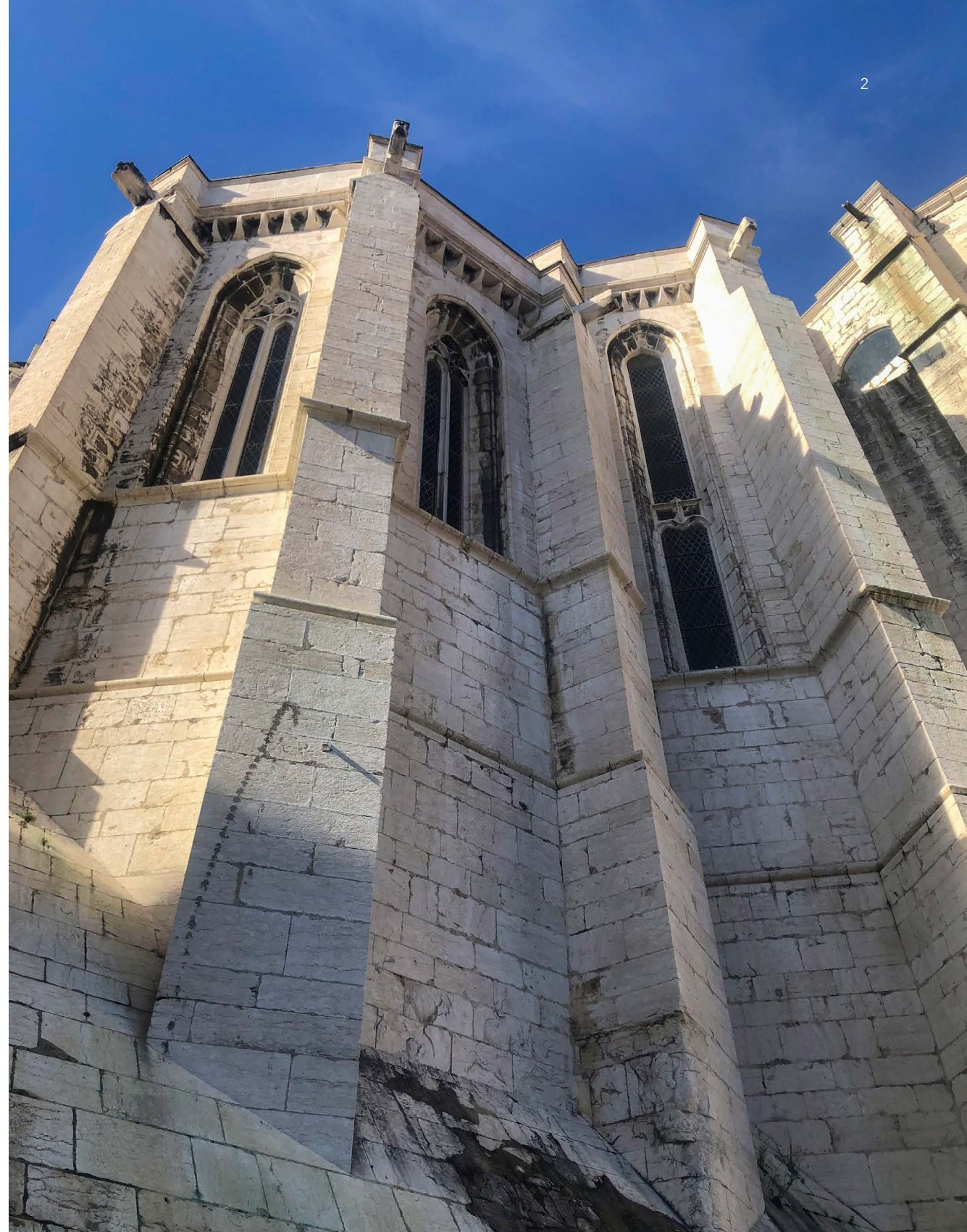
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) / Álvaro Siza

DIA 6, Porto

Bairro da Bouça / Álvaro Siza

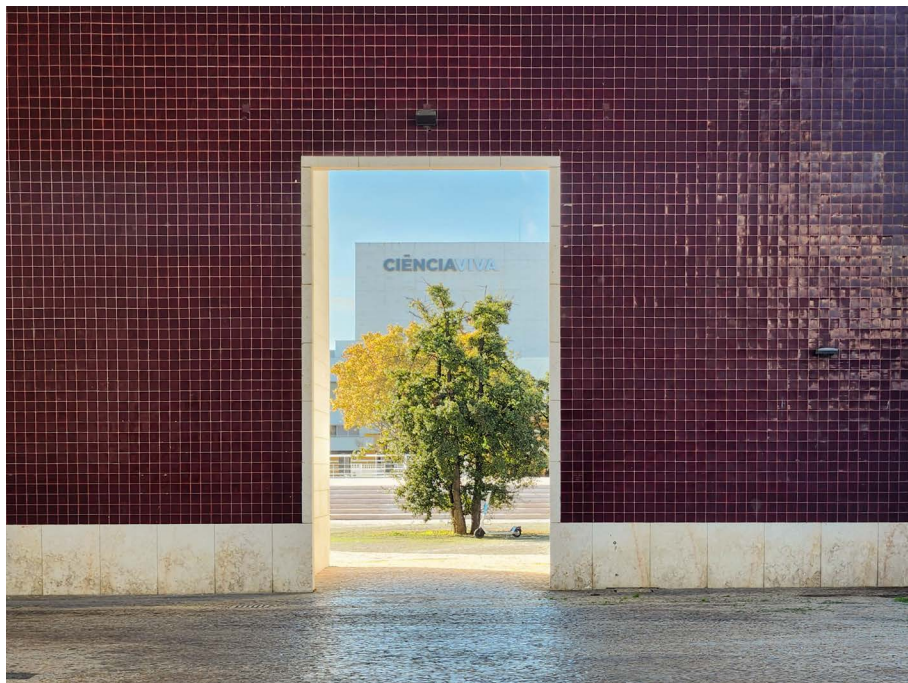


1

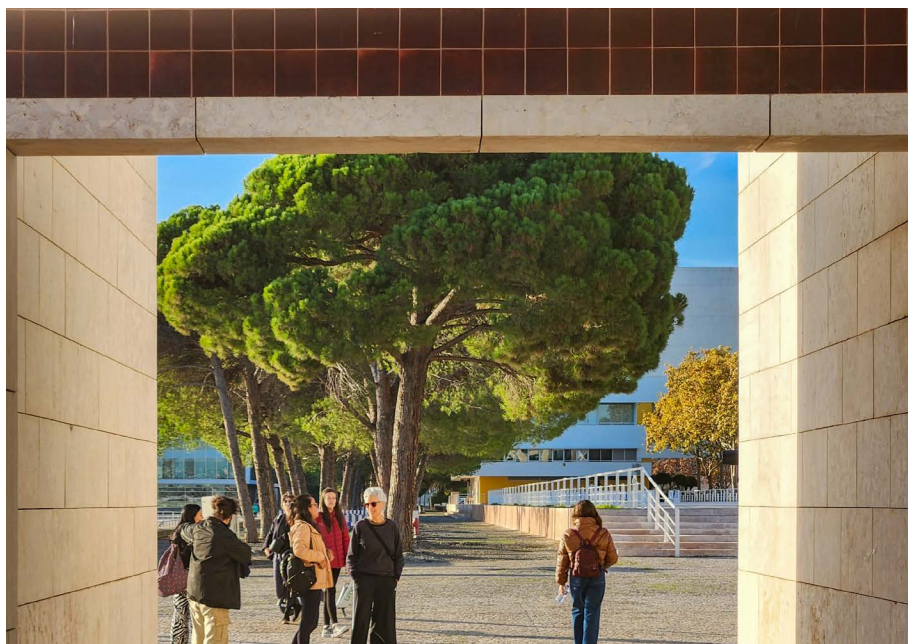


2





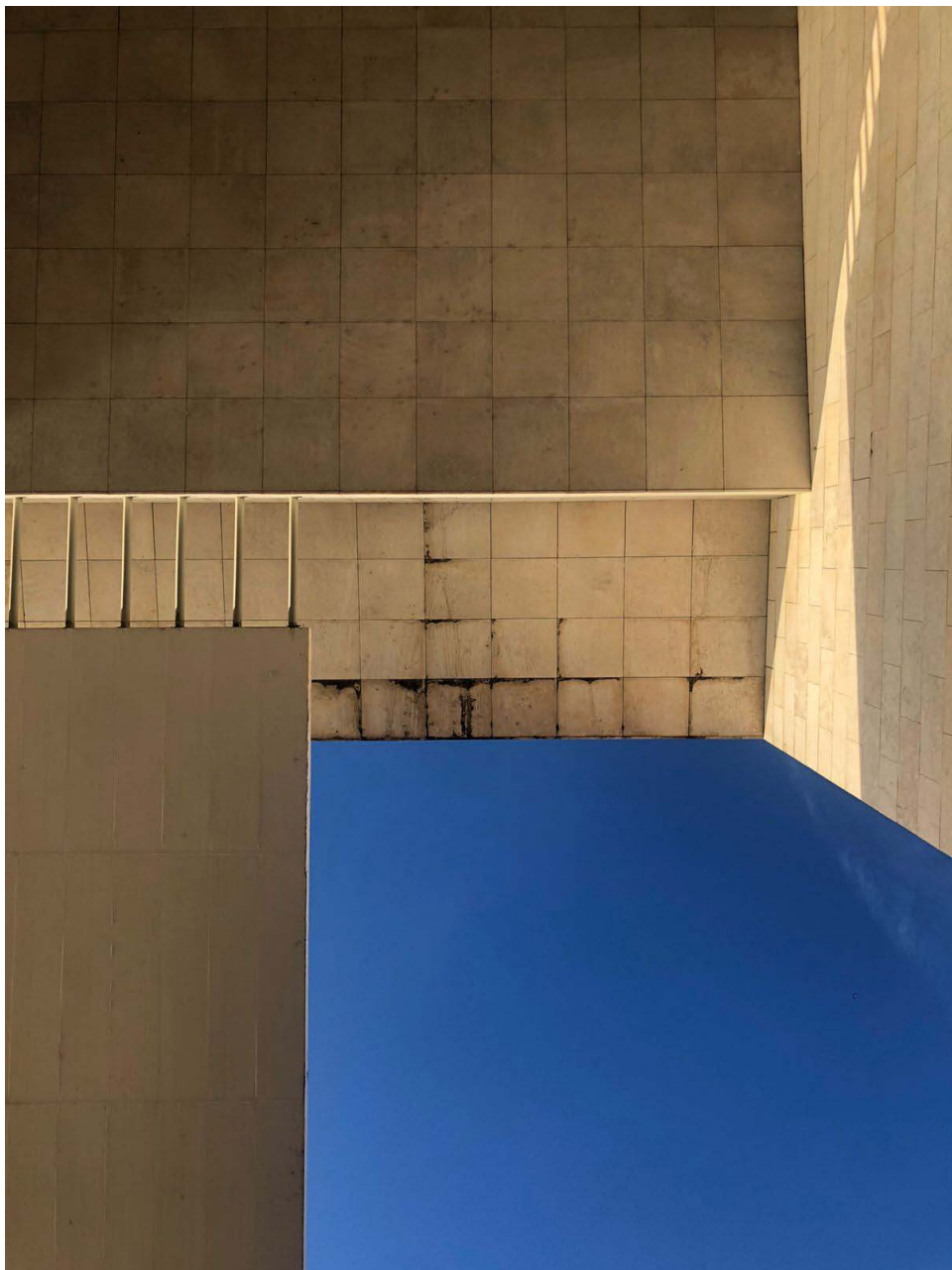
4



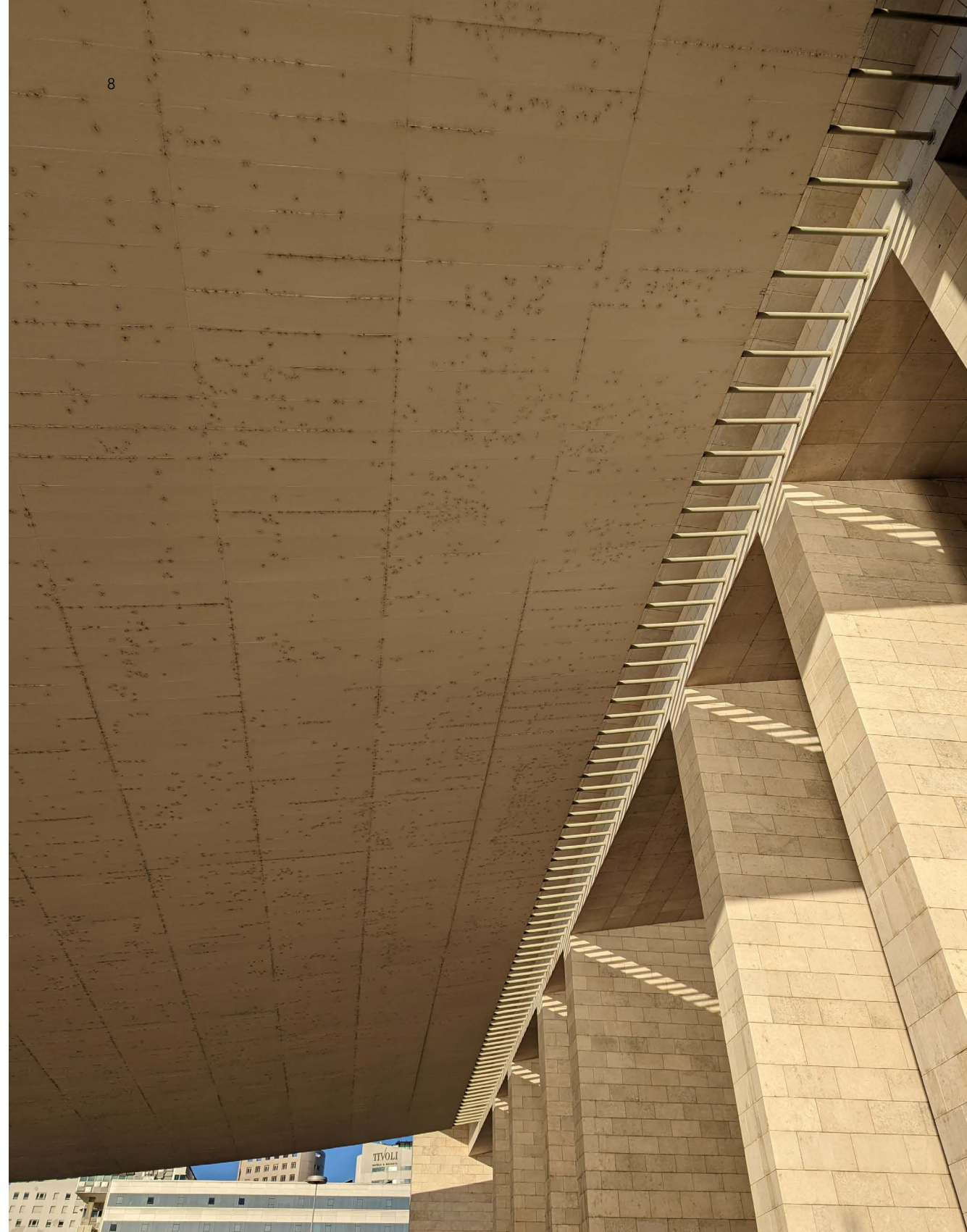
5



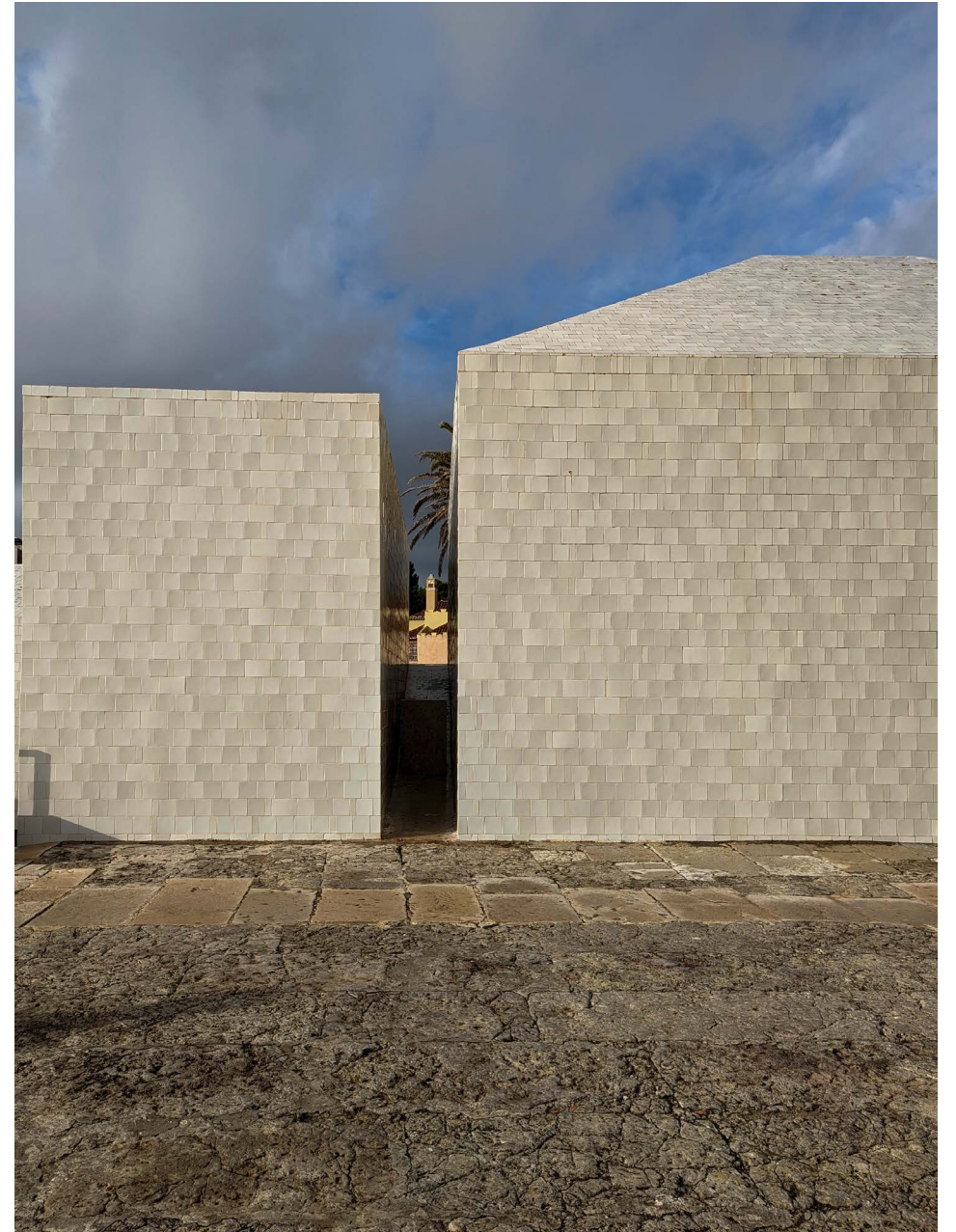
6

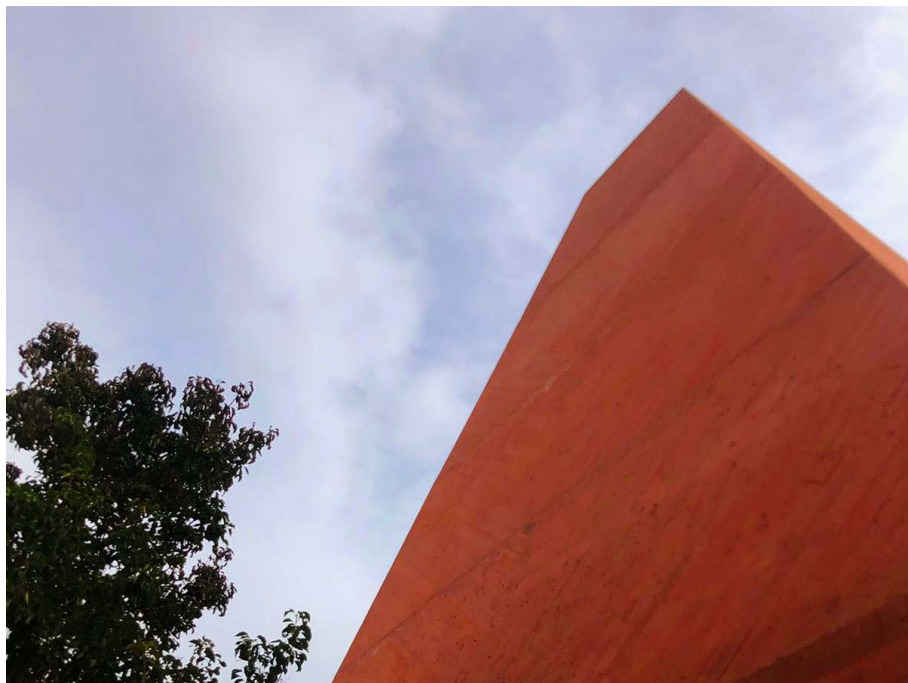


7

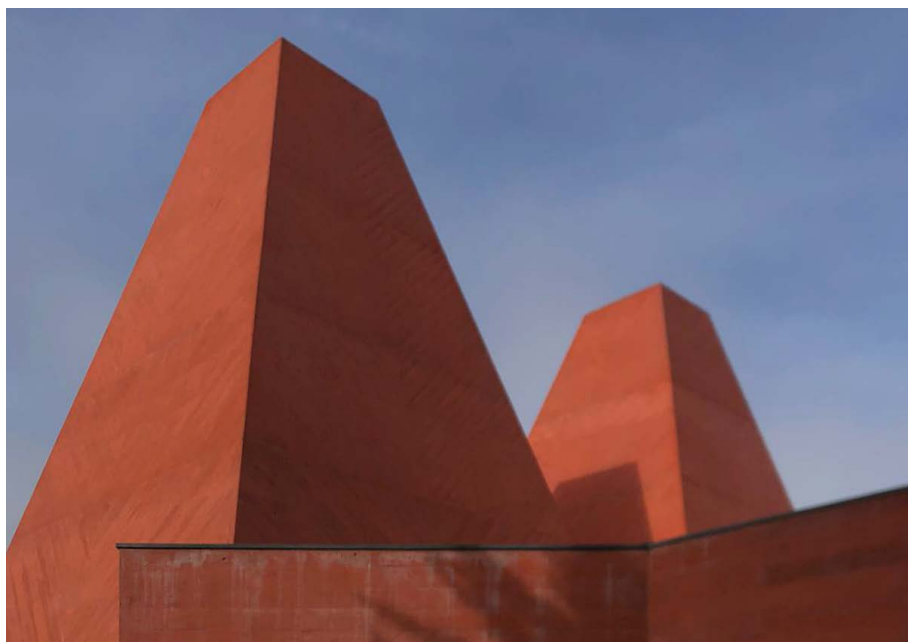








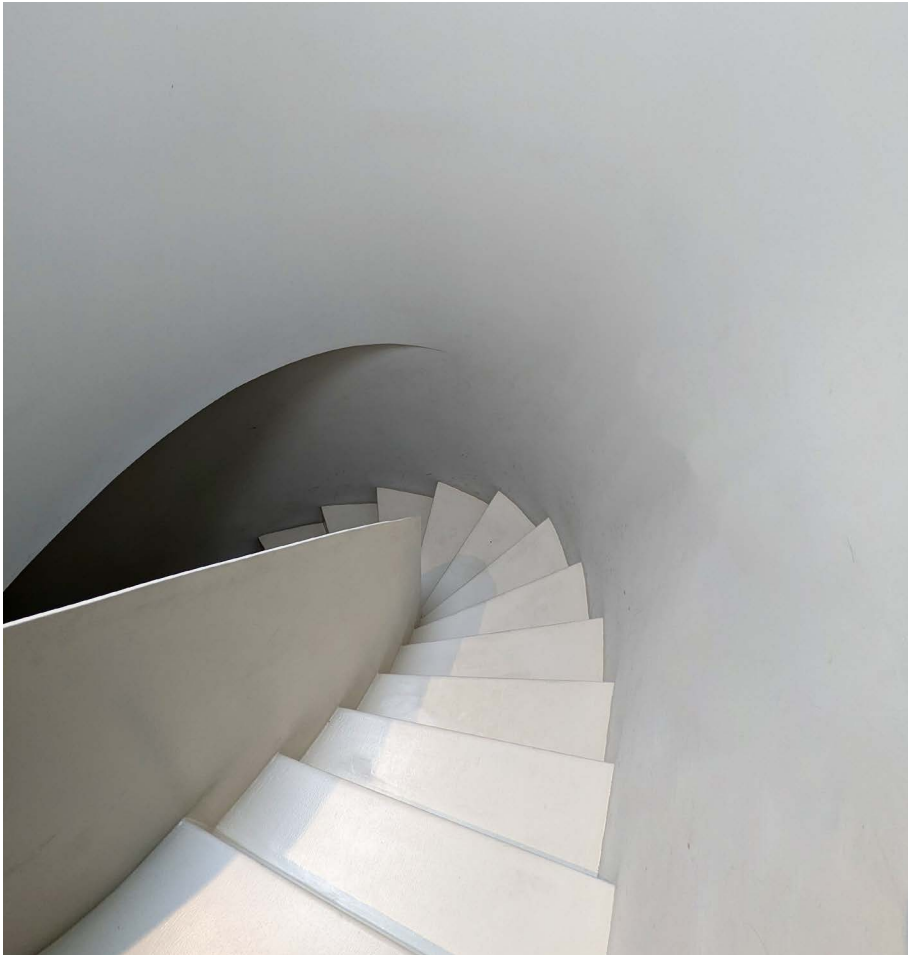
12



13



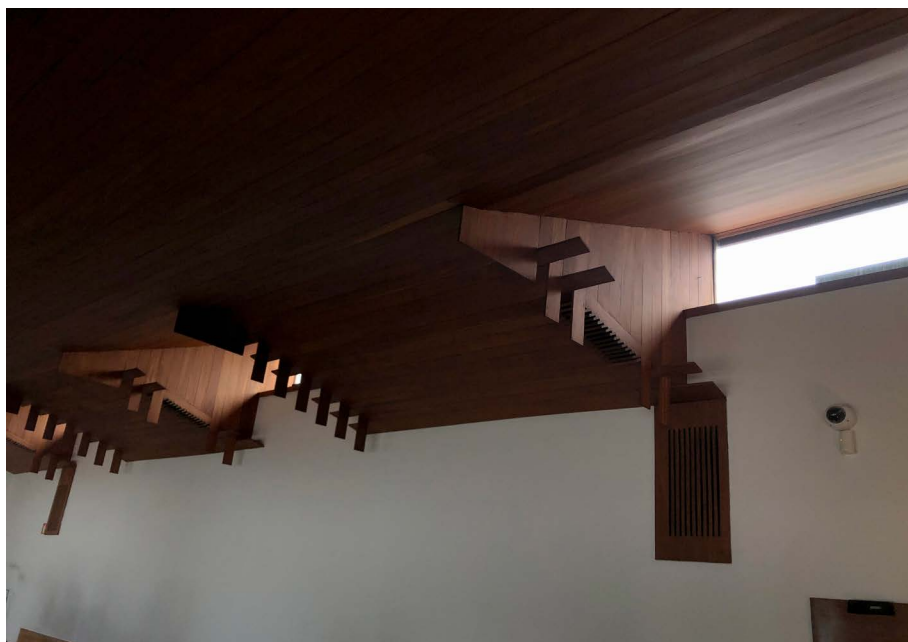
14







18



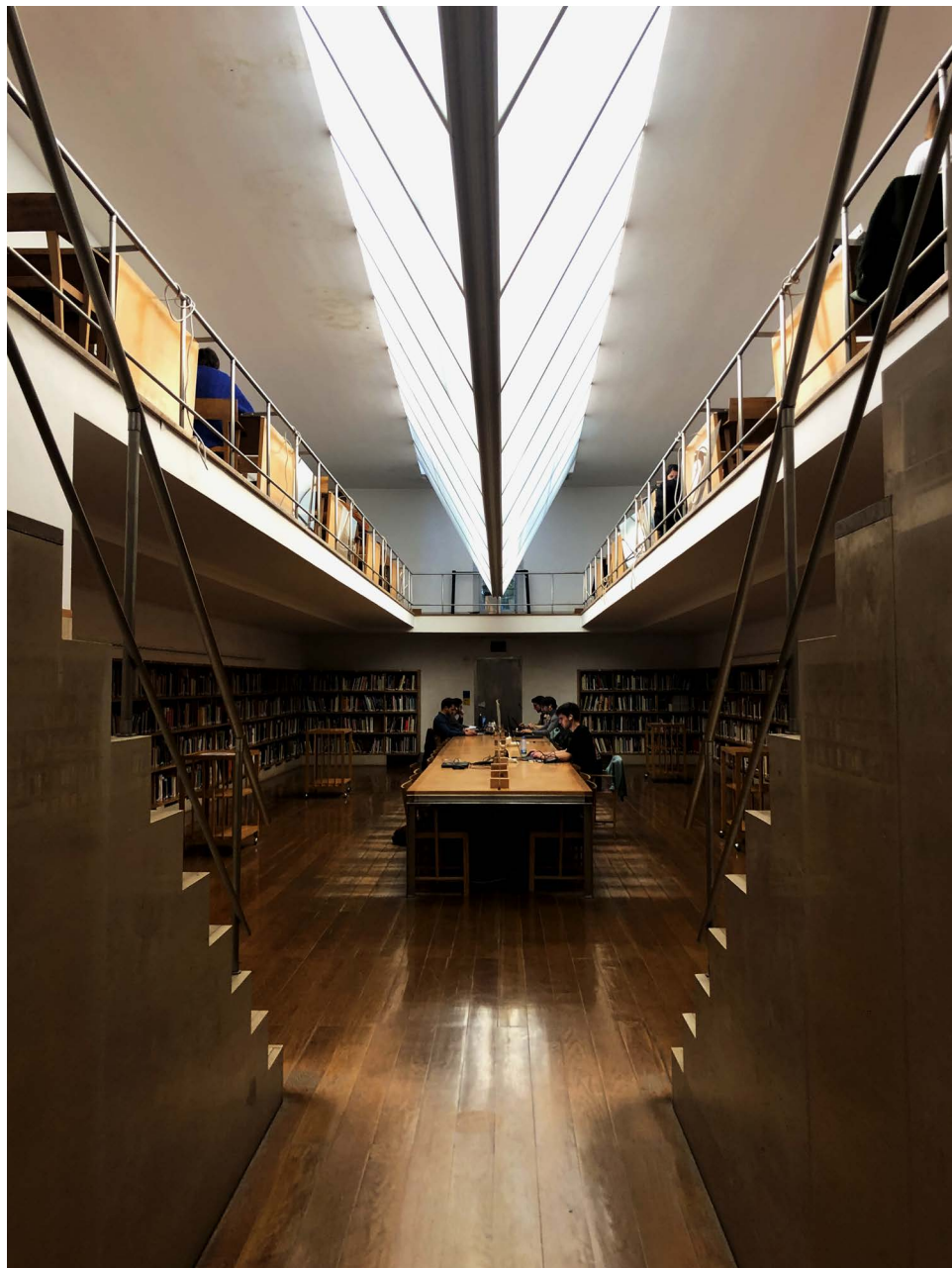
19



20







24

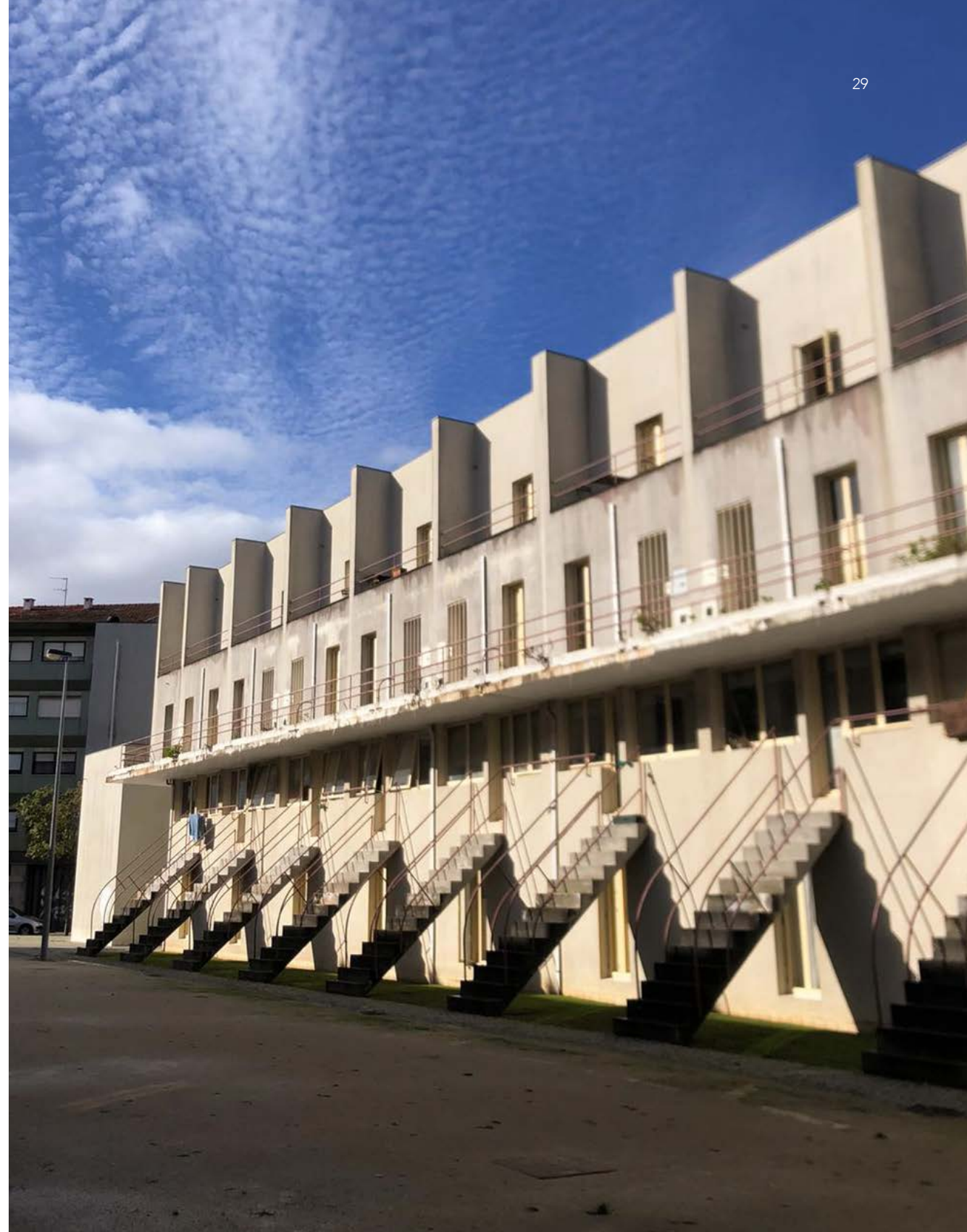


25





28





índice index

projetos visitados por ordem de exibição

1 e 2 Convento do Carmo e entorno do bairro Chiado
Lisboa

3, 4, 5, 6, 7 e 8 Pavilhão de Portugal na EXPO '98
Lisboa / Álvaro Siza
1995 - 1998

9 Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia - MAAT
Lisboa / Amanda Levet
2016

10 e 11 Museu Farol de Santa Marta
Cascais / Aires Mateus
2007

12, 13 e 14 Museu Casa das Histórias Paula Rego
Caiscais / Eduardo Souto de Moura
2008

15 e 16 Escritório Aires Mateus

17, 18, 19 e 20 Casa de Chá da Boa Nova
Leça da Palmeira / Álvaro Siza
1958 - 1963

21, 22 e 23 Piscina das Marés
Leça da Palmeira / Álvaro Siza
1966

24 e 25 Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Porto / Álvaro Siza
1987 - 1994

26 e 27 Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Porto / Álvaro Siza
1987 - 1994

28 e 29 Bairro da Bouça
Porto / Álvaro Siza
1970

Presentation

Lais Bronstein e Mariana Vieira

HORIZON_, the word that gives this exhibition its title, is also the name of research that has been carried out in the Workspace Project Workshop that seeks to create profound critical reflections about projects, design projects, three dimensional models, field trips, and immersion courses within different horizons. In this exhibition we present a selection of seven projects by Álvaro Siza Vieira from the twenty studied throughout the 2022 academic year, emphasizing three key research points: strategies of occupation, programme, and tectonics.

It is curious to note that Álvaro Siza's work of flirts time and again with the line of the horizon, dilating it in the Pools, framing it at the Boa Nova Tea House, or sheltering it at the Pavilhão Português. It is episodic at the Iberê Camargo Foundation, surgically cropped at the Nadir Afonso Contemporary Art Museum, pursued at Insel Hombroich, a corrective at Abade Pedrosa, introjected (undisciplined, subversive?) at the FAUP library. It also pays tribute to geometry and the establishment of a horizon from which to mediate order and chance, norms and deviations.

Horizon is the "circular line on which the land or sea appear to be joined to the sky", but as the poet and teacher of French Literature Michel Collot teaches us, it is also part of the structure of experience. In not being an object as such, the Horizon emerges principally as an element of the perceptive structure. In studying Siza's projects we realize how important this play of perception is in the construction of his architecture and, consequently, how directly connected the creation of internal spatialities is to the construction of a new landscape, and vice versa. The notion of horizon is, therefore, central to this research, both from material and intangible points of view, and it attempts an open survey of projects that can go beyond the dialectic elements of form and function, to take into consideration people, the world, and the understanding that what is being constructed is a language.

Geometry is the raw material and, let's be clear, the horizon the means and end of Álvaro Siza's work. For an irregular shape will only be understood by the presence of regularity, deviation by a relationship to the norm, and chance by the pretence of an ordered world, as evidenced in the Beires house. The relationship in which each work incorporates the human scale is equally geometric, from details of individual accesses, to the eye's framing of the landscape, to the linear and volumetric modulation of paths and even in the anthropomorphic features of certain façades. The geometric form in Siza's work also involves the disciplinary repertoire, for it is with an architectural culture that the author forges the projects of the Anastis Church, the Monte chapel and so many others, from such (strangely) familiar typologies.

The New York poet Frank O'Hara wrote that should an aficionado of his works read a poem of his and say: "That's not like Frank!" he'd be delighted. After all, he explains: "I don't wear brown and grey suits all the time, do I?" This detachment from the logic of a rigid identity seems of the same class as that found in Siza's output, whose trademark emerges more in the openness and rigor with which he approaches each new programme, each new problem, than more precisely in the solutions he encounters.

Receiving this exhibition at Solar Grandjean de Montigny, a neoclassic structure in the tropics, is to bring architecture into its element. The hierarchy, proportion and symmetry of the regular geometric shapes determining Solar's layout and façades speak of a world devoid of excesses, and legible and embraceable by human scale. The circle, square, rectangle and also semi-circle, are the means and end of an architecture moulded to nature's perfection.

The Solar, or manor, was once a house and makes possible a viewing of Siza's oeuvre through the lens of domesticity, too – within the intimacy of human scale, geometric simplicity and spatial singularity. Siza's work also contains affinities with the restraint and sparse formal eloquence of this neoclassical specimen, as well as a certain imagetic parsimony. Above all, it deals with the spatialization of the individual experience without fanfare and a wide variety of modes of formalization of the rituals of collective life.

Siza's work and Solar re-interpret, each in its own era, and with disciplinary authority, the horizon of architecture as a practice within a long humanist tradition. A tradition that is gradually, albeit very slowly, becoming diversified beyond the hegemonic canons – horizons that this research hopes to explore.

About Álvaro Siza

Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira was born in Matosinhos, Portugal, on 25th June 1933. He moved to Porto in order to study architecture, enrolling in the Escola Superior de Belas Artes do Porto [school of fine arts] in 1955. He opened his own offices during the same period, launching a successful career in the world of architecture. Álvaro Siza acquired his early professional experience creating small residential projects and working as an assistant to the Portuguese architect Fernando Tavora.

A passion for teaching and architecture go hand-in-hand throughout Álvaro Siza's biography. His teaching curriculum includes posts at Harvard University, United States, École Polytechnique Fédérale de Lausanne (EPFL), Switzerland, and the University of the Andes, Colombia, among various other renowned institutions around the world.

In 1992, Álvaro Siza was awarded the Pritzker Architecture Prize, considered the highest accolade in the field. In 1998, he received Harvard University's Prince of Wales Prize in Urban Design, and in 2010 was awarded a degree honoris causa degree from the Technical University of Lisbon.

His first work – four houses in Matosinhos – was built in 1954, before he had even graduated from Escola de Belas Artes, and the Tidal Pool at Leça da Palmeira, one of his best-known projects, also dates from early on in his career, between 1961 and 1966.

Álvaro Siza _____ and the Birth of the Column

Monica Aguiar e Mariana Vieira

Invited to create an installation for the exhibition Sensing Spaces: Architecture Reimagined (organized by the Royal Academy of Arts in London from 25th February to 6th April 2014), Álvaro Siza turned to the column and, as he himself put it, specifically to the birth of the column. During research for the present exhibition, we discovered in the installation 'Columns' the perfect synthesis of our work in the studio.

Initially it appeared an exaggeration to make an analogy between this work and what we had been developing at the workshop, but the number of questions and answers that it enabled confirmed to us that the analogy was not only possible but of great value to our research, and something that needed to be shared.

Two videos helped construct this analogy. In the first, made in 2016, Manuel Montenegro and Álvaro Siza discuss the placing of the columns at Shatwell Farm, where they were installed after the original exhibition. The video shows them carrying out studies for placement strategies. The second is a record of the installation of the columns at Shatwell and raises an equally important matter for us: the alteration of scale and the construction of a new landscape that this rearrangement permitted. In this installation – and in the two videos – we found proof of the coherence of procedures adopted by our studio in structuring it as a triad of the adopted analysis categories: occupation, programme, and tectonics.

The three yellow concrete columns that appeared in the open air courtyard of the Royal Academy, delimited internally by the buildings making up the Neo-Palladian complex of Burlington House – one lying on the ground with its capital nearby; another standing a short distance away, balanced and solitary; and, further back from the viewpoint of anyone coming through the entrance, a third, also solitary but deeply

connected to the others, and which appears to rise proudly up from the ground in its completeness – make up Siza's birth of the column in three movements, like a delivery. The column brought to light. However this is merely its birth, because having materialized in the world, the column takes on a life of its own.

The series of three columns makes up a whole, according to the architect's wishes, and relates not only to the surrounding structure, but the people circulating and whose senses are sharpened by the empathetic and sensorial relationship awakened by this installation – thereby fulfilling its objective in the Sensing Spaces exhibition. However, there is more to this piece.

In proposing the birth of the column by separating its parts and making explicit a process that points to its installation, Siza is operating tectonically. Siza's columns tell a story and, to a certain extent, explain prehistoric phenomena from time immemorial that so move us. This is the three stones, the trilithon, like those at Stonehenge and so many others spread around archaeological sites worldwide.

Siza appears to call our attention to the fact that one day the three stones were somewhere on the ground. And would have remained there but for the tectonic mobilization governing the act of building. And this too is not all.

In his review of the exhibition in The Guardian newspaper, Rowan Moore describes it as "an ambitious look beyond the purely visual aspects of architecture [that] is full of surprises". Surprises that emerge endlessly as we devote ourselves to analyzing this work of Siza's.

The column that is born and finally begins to exist in the world, has a capital and, on it, a lintel. This is a simplified and laconic model of the Doric column that announces the construction of a temple. Without further comment, Siza insists on provoking us with the iconicity of this

object. The history of architecture and construction are materialized in this column, something that Karl Bötticher investigated in the 19th century when he wrote *Die Tektonik der Hellenen*, the text that preceded the tectonic fundamentals of architecture developed by Gottfried Semper and that has informed the practice of architecture ever since.

With the column now born, Siza reminds us of the profound link between architecture and construction and, in his positioning of the three columns, being a whole, in strategically studied points on the ground of the courtyard of Burlington House, or even at Shatwell Farm, where they are now, Siza delimits a territory: the territory of architecture. But even this is not all.

The surprises announced by Rowan never cease, and one that has emerged from the analysis of this work is the mobilization of subjectivity. A potent iconicity of the birth of the column urges us to make associations, evokes atavistic memories, thus placing us face to face with the foundations of western culture, whose genesis lies in the humanism of classical antiquity, in the Greek agora.

Siza's Doric and laconic column has the power to return us to the centre of that space where concepts such as democracy and justice were born. It is a space where discussions about art and philosophy took place, a space that is currently under threat and that Siza therefore, like a surprise, although perhaps not an intentional one, urges us to defend.

The Studio

The Studio of the Workspace Project is part of the third semester of the Architecture and Urbanism course at PUC-Rio and works, as laid out in the Pedagogical Plan, in an integrated fashion to unite content from the fields of projects, urbanism, representation and technology.

The content of this exhibition is the fruit of the work of the last two semesters, which is in turn part of the evolution of work that has been developing over the course's past twenty years: ten years under the supervision of Marcos Fávero (2002-2012), five years under professor Cadu Spencer (2013-2017), and five years under Mariana Vieira, from 2018 to the present.

The course programme's structure of two exercises per semester has been maintained throughout, with a few adjustments and adaptations. From 2018 we began working in a more regular dialogue with the Integrated Studio of the fourth semester's Collective Space project, which has been under the same supervision since 2014.

The approach of having the second year of the architecture and urbanism course accommodate agendas and methodology dynamics is both a challenge and a great opportunity. A challenge because to think of the course's second year (groups arq1103 and arq1104) means taking into account the conclusion of what we consider the basic training cycle, which in turn implies dealing with a body of often highly complex technical, theoretical and operational knowledge, demanding hours of work at the studio. On the other hand, it is a great opportunity to include in our discussions matters concerning contemporary architecture and urbanism generally, and more specifically the radical changes in workspaces and collective spaces since the Covid-19 pandemic, that have altered significantly the dynamics of daily life.

The First Exercise

Since 2021, the exercise of graphic project analysis has been applied to the work of a single architectural office. In this exhibition we present a selection from among the twenty projects by Álvaro Siza Vieira that were studied during the 2022 academic year, with emphasis on three key research points: strategies of occupation, programme, and tectonics.

According to the course's pedagogical programme, the first two years are focus more on the fields of Representation and Technology. In the first exercise (the subject of this exhibition) the drawings are all produced by hand, to prepare the class for the second exercise using digital tools. Like the drawings, the three dimensional models – maquettes of different scales – are created in the classroom under guidance at all times, and this also includes the use of the Experimental Building Site and the cutting and laser machines, whenever needed.

The teaching of structures must be addressed from the start in a graduate course in architecture and urbanism, but neither should this be dissociated from the constructive experience, since we believe that the practical pedagogy of the third semester's project workshop must embrace architecture, structure, and construction, through procedures that mobilize the concept of tectonics formulated by Kenneth Frampton, particularly in *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*. These concepts seek to articulate the combination of vectors that Frampton calls *topos* (occupation), *typos* (programme) and *tectonic* (tectonics) in order to verify the architectural legitimacy of buildings, the

tectonic vector being related to the necessity for architecture, in a project's genesis and in considering its structural and constructive form. This encourages the consideration of tectonics as a project strategy which, based on the concepts presented by Frampton, is made up of the following five aspects: topography, structural system, fenestration, constructive culture, and tectonic and/or atectonic expression. These criteria had to be addressed as follows:

Topography

Identify and describe the project strategies regarding the implantation of the building on the original terrain. Verify the specific decisions of implantation and construction which give the building its characteristics of accessibility and landscape integration. Verify to what extent these decisions are important to the site's use of space.

Structural system and constructive process

Identify and describe the structural system used, its materials and the constructive process employed to make viable the construction. Provide critical analysis of these decisions.

Fenestration

Identify and describe the fenestration used, its materials and the phenomenological impact of these choices. Relate the fenestration to the structural system. Provide critical analysis of these decisions.

Constructive culture

Connect the techniques, processes and materials employed in the construction to the constructive culture of the region where it has been/ will be built, and to contemporary building techniques. Analyze the relationship between the technology used and constructive traditions, with a view to identifying the maintenance of tradition, its renewal or denial.

Tectonic expression

After completing analysis of the project decisions that originated the construction's creation, according to the criteria established above, verify the tectonic or atectonic expressivity.

In the workshop's first exercise, during the phase where the groups of students work analytically on project examples, the above criteria were used to identify the strategies adopted in each project. In conclusion to the analysis, they were asked to produce a graphic representation, descriptive in nature, of each of the criteria, to be presented with drawings and sketches, as well as a model of the constructive details in a scale suitable to desired the level of precision.

The Second Exercise

In the second exercise, the analytical criteria used in the first were also adopted, however now in conjunction with the project strategies for the occupation and programme topics, in work carried out in pairs based on the demands of the course plan. The completion project required a graphic representation, explanatory in nature, of each of the criteria, to be presented with drawings and sketches, as well as a model of the constructive details in a scale suitable to desired the level of precision.

Collective Presentations

Groups of approximately four students are responsible for each project and publicly present its development in stages. The drawings are all made by hand, preparing the class for the second exercise that uses digital tools. Just like the drawings, the three-dimensional models – models at different scales – are made in the room with guidance at all stages.

Projects Studied

2022.1

Clay Pavillion, Puerto Escondido / Mexico, 2020
Saya Park / South Korea, 2018 (with Castanheira)
Armanda Passos House / Porto, 2006
Museum Insel Hombroich / Düsseldorf, 2009
Borges & Irmão Bank / Vila do Conde, 1980 - 1986
Santa Maria Church / Marco de Canavezes, 1996
Camerich Pavillion / Shanghai, 2019
Social Housing Projeto SAAL Bouça / Porto, 1970
Leça Swimming Pools / Leça da Palmeira, Portugal, 1966
Capela do Monte / Monte da Charneca, Lagos, 2018
Municipal Museum Abade Pedrosa (MMAO) / Santo Tirso, 2012
(with Souto de Moura)
School of Architecture Library, University of Porto / 1987 - 1994
Boa Nova Tea House / Leça da Palmeira, Portugal, 1958 - 1963

2022.2

Iberê Camargo Foundation / Porto Alegre, Brasil, 1998 - 2008 *
Manuel Magalhães House / Porto, Portugal 1967 - 1970
Church of Saint-Jacques-de-la-Lande / França, 2018 *
Beires House / Porto, 1973 - 1976 *
Nadir Afonso Contemporary Art Museum / Monte da Charneca,
Lagos, 2018 *
Leça Swimming Pools / Leça da Palmeira, Portugal, 1966 *

(*) in exhibition

The occupancy of Solar

The opportunity to occupy this house expanded further still the research possibilities that lead to the exhibition design of **HRZNT_**. Here we present, as well as the entire content produced in the Studio Project, the process of creating the tables and stools that make up the exhibition – freely inspired by Siza's furniture and produced collectively at the Experimental Building Site of the Department of Architecture and Urbanism – as was the creation of the three fabric runners – produced through an inter-departmental partnership with the Graphic Experiment Lab of the Department of Art and Design – that were initially planned for the horizontable, but may acquire other uses throughout the exhibition.

Study Trip

The study trip is an essential part of the research. Visiting the buildings studied (among others) is another opportunity to open up research beyond the studio - broaden horizons - bring together students, male and female professors from other architecture and urbanism faculties in Brazil and other countries, as was the case with Portugal edition (Lisbon and Porto) held in November 2022.

Buildings Visited

Day 1, Lisboa

Buildings in the Baixa and Chiado neighborhood + Carmo Convent / Álvaro Siza
Atelier - Museu Júlio Pomar / Álvaro Siza
EXPO'98 Portuguese National Pavilion / Álvaro Siza

Day 2, Cascais

Museum of Art, Architecture and Technology (MAAT) / Amanda Levete
Santa Marta Lighthouse / Aires Mateus
Paula Rego Museum / Eduardo Souto de Moura

Day 3, Porto

Aires Mateus Office
São Bento Subway Station / Álvaro Siza

Day 4, Matosinhos

Casa da Arquitectura / Guilherme Machado Vaz
Boa Nova Tea House / Álvaro Siza
Four Houses in Matosinhos / Álvaro Siza
Leça Swimming Pools / Álvaro Siza
Serralves Museum / Álvaro Siza

Day 5, Porto

Casa da Música / OMA - Rem Koolhaas
Souto Moura Office
School of Architecture at University of Porto (FAUP) / Álvaro Siza

Day 6, Porto

Social Housing Projeto SAAL Bouça / Álvaro Siza



